



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Carina Andreia Gonçalves Baptista

O Processo de Consolidação de Frentes Urbanas

O Processo de Consolidação de Frentes Urbanas

Carina Baptista

ULP | 2016

Trabalho realizado sob orientação do
Prof. Doutor Vítor Manuel de Araújo Oliveira



www.ulp.pt

Dezembro 2016



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
D O P O R T O

Carina Andreia Gonçalves Baptista

A consolidação de frentes urbanas

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

**Tese/dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto
no dia 13/12/2016, perante o júri seguinte:**

Presidente: Prof. Doutor Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho

(Prof. Catedrático da Universidade Lusófona do Porto)

Vogais: Prof^ª. Doutora Isabel Maria da Cruz Batista Matias

(Prof^ª. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Orientador: Prof. Doutor Vitor Manuel de Araújo Oliveira

(Prof. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto) – Arguente

Dezembro 2016

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao Professor Doutor Vítor Oliveira pelo empenho e dedicação com que me acompanhou ao longo deste trabalho, pelo rigor e valiosos conhecimentos dados, pela extrema disponibilidade assim como pela confiança e motivação transmitida.

Um agradecimento à Universidade Lusófona do Porto, na pessoa do diretor de curso, o Professor Arquiteto Pedro Ramalho.

Gostaria também de agradecer a todos os meus colegas de curso, assim como aos professores do Departamento de Arquitetura, que de alguma forma, contribuíram, encorajaram e ajudaram na elaboração deste trabalho.

O maior agradecimento à minha família que esteve sempre presente e apoiou todo o processo, em especial ao meu irmão mais novo por toda a paciência e compreensão, pela constante ausência durante este ano.

Por último, agradeço aos meus amigos mais próximos também por todo o encorajamento e apoio durante este processo.

Resumo

O tema da dissertação é a consolidação de frentes urbanas. O estudo estrutura-se em três partes. A primeira parte é fortemente apoiada no livro 'Urban forms, the dead and life of the urban block', começando por descrever o modo como ao longo do século XX, a ocupação tradicional do quarteirão (ocupando todo o seu perímetro) foi dando lugar a modos de implantação cada vez mais livres, numa lógica de transformação em que o edifício isolado se torna cada vez mais importante.

Em seguida analisam-se três projetos claramente distintos no que se refere ao modo como encaram as pré-existências: a Biblioteca de Groningen de Giorgio Grassi, uma habitação colectiva na Rua Costa Cabral, no Porto de Viana de Lima e, por último, o Palace Hotel em Brasília de Oscar Niemeyer.

A terceira parte constitui uma reflexão sobre o projeto de um hotel para o quarteirão do Parque das Camélias no Porto – reflexão essa que se suporta quer na análise da história do quarteirão urbano ao longo do século XX, quer no estudo dos três edifícios referidos. Por fim, apresenta-se um conjunto de conclusões.

Abstract

The theme of the dissertation is the consolidation of urban frontages. The study is divided into three parts. The first part draws heavily on the book 'Urban forms, the dead and life of the urban block'. It starts by describing how, throughout the twentieth century, the traditional occupation of the street block (occupying the whole block perimeter) gave way to increasingly free modes, in a logic of transformation in which the isolated building becomes increasingly important.

Then we analyze three clearly distinct projects, in terms of how the preexistences are dealt with: the Library Groningen by Giorgio Grassi, a collective housing in *Rua Costa Cabral*, Porto by Viana de Lima Porto and the Palace Hotel in Brasilia by Oscar Niemeyer.

The third part is reflection on a project for hotel located in the street block of *Parque das Camélias* in Porto – this reflection is supported both on the analysis of the history of the street block over the twentieth century and the study of the three buildings mentioned above. Finally, it presents a number of conclusions.

Índice	
Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
índice	6
Índice de figuras	7
I. Introdução	9
II. Do quarteirão encerrado á implantação livre dos edifícios	12
III. Análise de três projectos: da continuidade á descontinuidade	21
3.1 Biblioteca de Groningen - Giorgio Grassi	21
3.2 Habitação coletiva na Rua Costa Cabral, Porto - Viana de Lima	26
3.3 Palace Hotel - Óscar Niemeyer	31
3.4. Leituras comparativas	35
IV. O projeto de intervenção no Quarteirão do Parque das Camélias	36
4.1 Alinhamento do edifício à face da rua	37
4.2 Altura do edifício	48
4.3 Posição do edifício na parcela – relação com os edifícios vizinhos	52
4.4 Alçado do edifício	56
V. Considerações finais	58
VI. Bibliografia	59
VII. Anexos	60
Peças desenhadas do projeto de intervenção	

Índice de Figuras

1-	Vista aérea cidade de Paris, França sem escala (Fonte: Penerai et al, 2004)	13
2-	Enfiamento de edifícios Paris, França (Fonte: Penerai et al, 2004)	13
3-	Esquema ilustrativo (Fonte: Penerai et al,2004)	15
4-	Londres, Inglaterra (Fonte: Penerai et al, 2004)	15
5-	Zona habitacional Londre, Inglaterra (Fonte: Penerai et al, 2004)	15
6-	Esquema da vista aérea da cidade de Amsterdão Zona habitacional Londres, Inglaterra, sem escala (Fonte. Penerai et la, 2004)	17
7-	Vista aérea cidade de Amsterdão (Fonte. Penerai et al, 2004)	17
8-	Unité D’habitation (Fonte. Penerai et al, 2004)	19
9-	Biblioteca de Groningen, Giorgio Grassi (Penerai et la, 2004)	22
10-	Planta esquemática do quarteirão (Penerai et al, 2004)	22
11-	Maquete do edifício (Penerai et al, 2004)	24
12-	Maquete do edifício (Penerai et la, 2004)	25
13-	Alçados do edifício (Penerai et la, 2004)	25
14-	Vista aérea da Rua Costa Cabral, Porto (Fonte: Google Maps)	27
15-	Vista enfiamento Rua Costa Cabral (Fonte: Google Maps)	27
16-	Vista Habitação colectiva Rua Costa Cabral (Fonte: Castro, 2011)	28
17-	Fachada (Fonte: Autor, 2015)	28
18-	Pormenor piso térreo (Fonte: Autor, 2015)	30
19-	Fachada (Fonte: Castro, 2011)	30
20-	Vista aérea Palace Hotel, Brasília (Fonte: Google maps)	32
21-	Palace Hotel, Brasília (Fonte: https://www.brasiliapalace.com.br/fotos)	32
22-	Palace Hotel, Brasília (Fonte: https://www.brasiliapalace.com.br/fotos)	34
23-	Palace Hotel, Brasília (Fonte: https://www.brasiliapalace.com.br/fotos)	34
24-	Caderno de esquiços, estudo da proposta (Fonte: Autor, 2015)	38
25-	Caderno de esquiços, estudo da proposta (Fonte: Autor, 2015)	43
26-	Planta esquemática de implantação e Perfil 1, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	44
27-	Planta esquemática de implantação e Perfil 1, sem escala, (Autor, 2015)	44
28-	Planta piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	44
29-	Planta piso 2, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	44
30-	Planta piso 1, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	44

31-	Corte Longitudinal, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	44
32-	Planta piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	45
33-	Planta piso 1 (relação da distância entre o edifício proposto e os edifícios vizinhos), sem escala (Fonte: Autor, 2015)	45
34-	Planta piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	46
35-	Planta piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	46
36-	Planta piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	47
37-	Planta Final piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	47
38-	Caderno de esquiços, estudo da proposta (Fonte: Autor, 2015)	48
39-	Caderno de esquiços, estudo da proposta (Fonte: Autor, 2015)	50
40-	Planta piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	51
41-	Alçado da Rua Augusto Rosa, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	51
42-	Planta piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	51
43-	Planta de implantação (proposta anterior), sem escala (Fonte: Autor, 2015)	54
	.	54
44-	Esquema de estudo do módulo, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	54
45-	Planta piso -1, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	55
46-	Alçado da Rua Augusto Rosa, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	55
47-	Alçado Norte, sem escala (Fonte: Autor, 2015)	57

I. Introdução

O tema fundamental da dissertação é a continuidade e, por contraponto, a descontinuidade das frentes edificadas. Após um capítulo onde é feita uma descrição do modo como, genericamente, as frentes urbanas se foram transformando, serão analisados três casos de estudo correspondendo a três soluções urbanas claramente distintas. Em seguida, e com base nos dois capítulos anteriores, será apresentada uma reflexão em torno da proposta de intervenção urbana para o local dado pela cadeira de Projeto 5 – o Parque das Camélias, no centro da cidade do Porto.

Após ter sido lançado o exercício de Projeto 5 foram sentidas várias dúvidas acerca de como lidar com a frente urbana do terreno dado, tendo em conta o programa do edifício a desenhar. Foram desenvolvidos vários estudos correspondendo a diferentes alternativas... mas havia uma falta de suporte teórico e metodológico. Foi a partir dessa dificuldade sentida que surgiu o tema desta dissertação.

Esta dissertação começa com um enquadramento teórico baseado no livro 'Urban forms, the dead and life of the urban block' (ou no seu título original 'Formes urbaines, de l'îlot à la barre'). Este capítulo fornece uma análise do modo como a evolução urbana e arquitetónica das últimas décadas transformou completamente o aspeto das nossas cidades. Pode-se assim verificar a diversidade do desenho das cidades e por sua vez as diferentes opções de consolidação da frente urbana.

Depois desta análise, o capítulo seguinte foca-se em três obras com diferentes soluções de consolidação da frente urbana: a Biblioteca de Groningen de Giorgio Grassi (como caso mais tradicional e de consolidação da frente urbana de acordo com as características, linguagem e forma dos edifícios pré-existentes circundantes); um edifício de habitação coletiva na Rua Costa Cabral, Porto, de Viana de Lima (como um caso intermédio entre as duas posições, em que o arquiteto utiliza a linguagem pré existente adaptando-a aos anos 50, criando um momento de ligação entre as realidades arquitetónicas existentes na rua onde a obra está situada); e, por fim, o Palace Hotel em Brasília de Oscar Niemeyer (edifício de linguagem própria e postura de 'objeto', que não procura ir de encontro a qualquer outra linguagem de edificado ou implantação no local, colocando-se sobre o terreno como elemento único, adaptando-se da melhor forma à paisagem natural). Após a análise destas três obras

desenvolve-se um conjunto de comparações que evidenciam as razões das opções tomadas por cada um dos três arquitetos.

Em seguida, serão reunidos elementos fundamentais para a elaboração de uma proposta de intervenção no quarteirão do Parque das Camélias, no Porto, local atribuído pela cadeira de Projecto 5, que irá ter como suporte fundamental a investigação feita aos três edifícios anteriormente mencionados. É apresentada uma solução urbanística e arquitetónica para o terreno da cadeira de Projecto 5, desenvolvida pela autora da dissertação, contextualizada no espaço urbano da cidade do Porto e onde se aplicam alguns princípios patentes em algumas das obras anteriormente analisadas.

Por último serão apresentadas as principais considerações a reter, após a elaboração do projeto de intervenção.

II. Do quarteirão encerrado á implantação livre dos edifícios

Reflexão acerca da evolução da consolidação da frente urbana

No livro 'Urban forms: the life and dead of the urban block' de Philippe Panerai, Jean Castex, Jean Charles Depaule e Ivor Samuels, argumenta-se que o urbanismo moderno tem perturbado a forma das cidades, abolindo as suas ruas e isolando os seus edifícios. Só ao investigar o tecido urbano como um todo será possível entender as relações complexas entre conjunto e forma construída, entre as ruas e edifícios. O livro centra-se num conjunto de cidades Europeias e numa série de propostas teóricas. Este livro analisa a forma como a evolução recente destruiu completamente os aspeto das nossas cidades e por sua vez o nosso modo de vida, essencialmente entre 1860 e 1960. Segundo o livro, o choque foi tal que ainda hoje estamos a tentar encontrar formas urbanas que possam acomodar o nosso modo de vida atual e ao mesmo tempo não perder completamente a essência do desenho e imagem da cidade tradicional.

- Paris de Haussmann

A principal ideia da reforma urbana idealizada por Haussmann para Paris é a de libertar o tecido urbano para facilitar manobras militares. A grande transformação da cidade ocorre num terço do tecido urbano da cidade sobre a ideia da grande reforma.

Um dos gestos mais evidentes da reforma do plano de Haussmann é a demolição de todas as edificações construídas na Ille de la Cité. Para Haussmann, 'a arquitetura era um problema administrativo' e só deveria ter em conta os interesses de Napoleão, interesses de carácter estritamente militar. É então, produzido um urbanismo totalmente racionalista visando apenas a técnica e desconsiderando o aspeto histórico.

O principal objectivo de Haussmann era melhorar a circulação para que houvesse um acesso rápido a todos os pontos da cidade. Com estas mudanças, são eliminados todos os bairros considerados degradados, as ruas arborizadas e são

implantados sistemas de iluminação, dando assim á cidade uma imagem mais moderna.

A típica cidade medieval, com traçado orgânico e ruas estreitas, é cortada por grandes eixos e contornada por um anel viário. São criadas praças com monumentos que servem como elementos de contemplação.

Estas novas intervenções acabaram por regularizar o traçado, eliminando o existente, transfigurando a cidade. Os quarteirões surgem a partir da configuração do sistema viário, ou seja, neste caso o quarteirão é residual, configura-se a partir do que 'sobra' depois de definido o sistema viário, sendo que muitos deles acabam por adquirir formas irregulares. São também definidas algumas regras de ocupação, como a padronização das fachadas, medida padrão das ruas, entre outras - passa a haver uma unidade arquitetónica na linguagem da cidade.



Fig.1 vista aérea cidade de Paris, França (Fonte: Panerai et al, 2004)



Fig.2 Enfiamento de edifícios Paris, França (Fonte: Panerai et al, 2004)

- Londres, As Cidades Jardim

Em Inglaterra, no final do século XIX, deu-se um grande crescimento da população urbana. Foi então necessário tentar melhorar os espaços urbanos a fim de criar mais qualidade de vida para os habitantes. Ebenezer Howard surgiu com uma proposta inovadora: conciliar as vantagens da cidade e do campo num só espaço.

Os principais problemas, os problemas da cidade, que Howard tentava resolver com esta proposta eram a pobreza, recolha de lixos, sistemas de redes de água, moradias não planeadas, poluição, falta de espaços de lazer, escassez de recursos naturais e degradação do meio ambiente natural. Howard acreditava que ao propor o conceito de cidade jardim iria conciliar as vantagens do habitar na cidade com a qualidade de vida rural.

Em termos teóricos e esquemáticos, a cidade jardim deveria ser circular, sendo que no centro estariam implantadas as atividades comerciais e administrativas. Os lotes do meio seriam destinados às habitações, que deveriam ser rodeadas por um jardim. As atividades industriais iriam concentrar-se na periferia e próximas da linha férrea.

A cidade jardim teria também números máximos para a sua capacidade. Deveria ter 2.400 hectares para uma população de 32.000 pessoas; a área rural devia ter 2.000 hectares e 2.000 habitantes, etc. Quando esta atingisse o seu limite máximo, com cerca de 58.000 habitantes, deveriam ser criadas novas cidades, todas ligadas às linhas ferroviárias e rodoviárias.

Letchworth, fundada em 1902 e construída num terreno adquirido por Howard a 56 quilómetros de Londres, foi a primeira cidade-jardim a ser concretizada. Esta cidade tem um traçado simples e claro.

O conceito de cidade-jardim acabou por não resultar como se pretendia, acabando por ser substituída por novos modelos arquitectónicos. Esses modelos aproveitavam a maior área possível para construções visando o aproveitamento máximo do espaço uma vez que a população não parava de crescer. Apesar de uma vida em que a cidade e o campo coexistem ser possível e o primeiro passo ter sido dado por Howard, as cidades-jardim como projeto pioneiro tinham um conjunto de pontos dificilmente aplicáveis. Um aspecto negativo crucial era a sua dependência de

uma grande cidade, neste caso Londres, funcionando muitas vezes como cidades subúrbio.



Fig.3 (Fonte: Panerai et al, 2004)



Fig.4 Londres, Inglaterra (Fonte: Panerai et al, 2004)



Fig.5 Zona habitacional Londres, Inglaterra (Fonte: Panerai et al, 2004)

- A extensão de Amsterdão

O plano de extensão de Amsterdão é concluído em 1934. O plano pretendia reduzir o consumo de terra, alargar a cidade e integrar a produção de espaços de trabalho em novas áreas de crescimento organizadas ordenada e racionalmente. Na época a população em Amsterdão triplicou e deu-se o início da industrialização.

A área de Spaardammerbuurt é um exemplo da expansão de Amsterdão reunindo todas as características resultantes deste plano: situa-se entre docas a oeste do porto e a linha ferroviária que liga Amsterdão; malha viária; traçado irregular das vias principais; parcelamento rural; empreendimentos para comercialização; expansão, divisão da zona norte em algumas moradias e da zona sul para empreendimentos habitacionais; contem moradias para classe desfavorecida; organização das vias; distribuição de equipamentos urbanos, praças e comércio.

Nas várias zonas da cidade existente e ampliações foram atribuídas várias funções. No centro antigo da cidade concentram-se as lojas e existe o caracter de rua, no centro novo é conferido o caracter de praça e concentram-se os equipamentos públicos, os prédios contêm várias funções como de habitação, comércio entre outros espaços variados.

Os quarteirões mantinham uma simetria comum e era conferida alguma importância ás fachadas. Em casos como escolas e praças era mantida a imagem monumental.



Fig.6 Amsterdão Sul (Fonte: Panerai et al, 2004)



Fig.7 Vista aérea de Amsterdão Sul (Fonte: Panerai et al, 2004)

- Le Corbusier e a Cidade Radiosa

A Cidade Radiosa de Le Corbusier, era uma cidade verde, com uma grande percentagem de solo livre, onde os edifícios eram dispostos. Existiam também grandes construções pontuais.

Le Corbusier lutou contra a cidade tradicional, criticando a rua corredor, o quarteirão e o a sua ocupação marginal, propondo novas e diferentes formas urbanas. Nas sua propostas iniciais há ainda algumas semelhanças coma a rua corredor, mas aos poucos Le Corbusier foi criando um modo modelo cidade assente num novo modelo de edifício de habitação (a unidade de habitação).

A unidade de habitação representa um novo elemento morfológico de organização da cidade. Subverte todos os sistemas da cidade tradicional: o espaço de implantação do edifício torna-se espaço público – facto proporcionado pelos pilotis; a orientação passa a ser a orientação solar; funções que na cidade tradicional se localizavam no piso térreo das construções são agora integradas no interior do edifício – desde o comércio aos equipamentos; propõe-se relações totalmente diferentes para o comércio, a rua, os espaços livres e o acesso a habitação.

Le Corbusier defendia que os edifícios altos seriam as mais adequadas expressões da urbanística moderna e manifesta, no Plan Voisin, indiferença pela cidade antiga nconsiderando que apenas alguns monumentos deveriam ser mantidos, admirados como objetos isolados. A utilização destes mesmos edifícios era justificada com o valor dos terrenos, pois se a tecnologia moderna permitia a construção em altura, então o valor dos terrenos poderia aumentar.



Fig.8 Unité d'habitation (Fonte: Panerai et al, 2004)

Esta breve análise da evolução do quarteirão ao edifício isolado permite concluir alguns pontos, para além desta questão de fundo. À excepção da métrica, organização das ruas e parcelas, o objetivo de todos os planos era quase sempre o mesmo: potenciar funcionalmente as cidades e dar maior qualidade de vida aos seus habitantes. Em alguns dos planos, como é exemplo a cidade radiosa de Le Corbusier, a preocupação era também rentabilizar o melhor possível o espaço habitacional.

Quanto à disposição dos edifícios na cidade, esta questão foi divergindo de plano para plano. Enquanto na Paris de Haussmann os edifícios eram colocados 'colados' entre si, junto do limite criado pelas ruas, com as cidades jardim esse conceito foi transformado e os edifícios posicionados longe da rua, com jardins ou campos em seu redor, separando completamente tudo o que é construído e privado das áreas de circulação. Este gesto confere mais privacidade às habitações, e proporciona aos habitantes um espaço verde próprio de uso privado ou comum, aproximando mais os aspetos rurais no meio urbano. A grande desvantagem da utilização deste conceito era precisamente o aproveitamento do solo, ou seja, ao criar espaços livres vazios e não utilizando a construção em altura, o aproveitamento das áreas de construção era muito escasso.

Surge assim a ideia de cidade radiosa de Le Corbusier. Este plano concilia assim a necessidade de espaço verde livre com a construção em altura, criando grandes espaços amplos com vegetação e de uso público. As construções em altura davam resposta a um elevado número de habitantes.

Nenhuma destas soluções é a perfeita ou a mais correcta, apenas são abordagens muito distintas a um conjunto de grandes problemas, experiências que devem ser avaliadas, moldadas e aperfeiçoadas.

A cidade foi ao longo dos tempos sofrendo várias alterações e é agora resultado de vários layers em cima de layers, o que por vezes resulta numa mistura de intervenções dentro da mesma cidade. Dentro da mesma cidade podemos encontrar ruas onde a disposição dos edifícios é muito regrada, onde estes estão à face da rua meticulosamente alinhados e num certo momento da mesma rua, encontrar um edifício recuado do alinhamento dos restantes, criando um espaço verde ou uma praça.

O arquiteto tem um papel fundamental na abordagem ao local a intervir - a sua ideia pessoal têm um peso relevante. Claramente os regulamentos, muitas vezes feitos por arquitetos, vão estar sempre presentes, e haverão sempre regras a seguir, mas de arquiteto para arquiteto a intervenção num mesmo local dificilmente será a mesma - seja por uma posição pessoal, pelo tipo ou funcionalidade do edifício, ou pelo carácter do local em questão. Iremos de seguida analisar alguns casos de estudo, todos eles muito diferentes no seu entendimento da cidade, e por fim descrever e justificar as opções tomadas na intervenção desenvolvida em Projecto 5.

III. Análise de três projectos: da continuidade á descontinuidade

3.1 Biblioteca de Groningen - Giorgio Grassi

Existem várias formas distintas de intervir numa frente urbana. Como tal, foram escolhidos três exemplos de como a intervenção poderia ser feita com recurso a diferentes estratégias ou abordagens: o primeiro caso, que se insere na cidade através de um gesto mais "integrado" e tradicional; depois, um caso intermédio em que a atitude não é nem integrar completamente o edifício nem tratá-lo como um objecto; e, por fim, foi escolhida uma obra que corresponde a uma situação em que o arquiteto trata o edifício como um objeto.

Estas várias abordagens diferentes dependem do contexto urbano onde o edifício está inserido, bem como do objetivo e da função do próprio edifício mas dependem mais ainda da atitude do arquiteto perante a cidade.

A Biblioteca em Groningen de Giorgio Grassi foi escolhida como exemplo para esta reflexão por ser um exemplo de consolidação da frente urbana através de uma atitude mais tradicional e integrada face às construções pré-existentes. (Fig.9)

Este edifício foi contruído para ser a biblioteca principal da cidade, e como tal, foi inserido no seu núcleo central onde se encontra um conjunto de edifícios mais antigos e alguns monumentos. A maior questão da elaboração da obra é precisamente essa, a integração de um edifício público novo, de grandes dimensões numa das ruas mais típicas e antigas da cidade.

Um dos problemas na integração de um edifício novo numa rua marcada por uma linguagem tradicional reside na grande homogeneidade de linguagem construtiva seja na implantação, na distribuição dos lotes, na linguagem das fachadas, na altura dos edifícios ou a sua materialidade.

Outra questão relevante no caso da biblioteca de Groningen é o planeamento volumétrico e tipológico do edifício, uma vez que não existe nenhum edifício de programa semelhante por perto, tornando-se complicado repetir as características volumétricas e a imagem dos edifícios envolventes. A tipologia de edifício mais frequente na envolvente onde o edifício está inserido são casas de três pisos com três fiadas de janelas. Tendo em conta o programa do edifício proposto, existiria assim um problema de articulação de linguagem.



Fig.9 Biblioteca de Groningen, Giorgio Grassi (Fonte: Insausti e Llopis, 1994)



Fig.10 Planta esquemática do quarteirão (Fonte: Insausti e Llopis, 1994)

Em termos de implantação, esta biblioteca divide-se em três volumes distintos. Os corpos são articulados mediante a organização funcional da biblioteca fazendo com que as zonas públicas da biblioteca como salas de leitura, exposição de livro, etc, estejam posicionadas nos volumes principais e num volume mais estreito e individualizado, posicionado transversalmente a estes, estejam colocados todos os serviços administrativos, os serviços e as oficinas.

Em relação á fachada principal da rua onde o edifício está inserido, pode verificar-se uma sucessão de cheios e vazios, resultante da implantação dos volumes novos. (Fig.10)

No cruzamento entre a *Rua la Oude-Bateringestrat* com a *Poststraat* encontramos três edifícios (nº 10, 12 e 14 na Fig.2). Existe mais um no mesmo quarteirão na *Broerstraat*, mais importante devido á sua imagem e dimensões (nº 24 na Fig. 10). O edifício da biblioteca encontra-se implantado neste quarteirão 'descolando-se' dos edifícios pré existentes. Separa-se dos primeiros com cerca de 4 a 5 m de distância, o que permite criar nesse local uma entrada de serviço. Do quarto edifício afasta-se cerca de 2 m. Os dois volumes da biblioteca que tocam a fachada principal têm cerca de 7 m de largura, estão separados por um lote de cerca de 8 m onde se encontra um pátio exterior de grandes dimensões que guia o visitante até á entrada principal. Esta distribuição dos espaços e volumes no lote disponível para a sua construção, permite ao edifício ocupar toda a área pretendida, sem desperdiçar área criando espaços exteriores para utilizações distintas.

As diferentes distâncias adotadas pelo arquiteto em relação aos edifícios pré existentes têm a ver com a escolha da cércea da biblioteca. Uma vez que o arquiteto optou por utilizar uma cércea mais próxima da do edifício de maior volume (nº 24), aproximou mais a biblioteca a este; ao contrário dos três edifícios do lado oposto que têm cérceas mais reduzidas. O arquiteto afasta o volume para não haver um choque de alturas tão perceptível. (Fig.11)

Mesmo nos restantes alçados o arquiteto mantêm sempre alguma distância entre o seu edifício e os edifícios existentes no quarteirão. O facto de nunca se tocarem evidência a biblioteca de Grassi como uma construção nova e ao mesmo tempo integra o edifício sem querer forçar demasiado a sua ligação com os restantes. Há ainda outros fatores que fazem com que em termos de imagem o edifício se integre na cidade de uma forma muito natural, como os alçados e a escolha dos materiais.

Em termos de alçado, toda a envolvente segue um 'desenho antigo' muito regular. O arquiteto tenta aproximar a linguagem da biblioteca à dos edifícios envolventes, reproduzindo um ritmo de vãos verticais semelhante aos da envolvente, utilizando ainda o mesmo tipo de materiais. Esta aproximação dá um aspeto integrado e de uma certa 'fusão' da biblioteca com os edifícios pré existentes. No entanto, observando-se com mais atenção, percebe-se que são construções de tempos diferentes. Na biblioteca de Grassi, apesar da semelhança rítmica nos alçados e na escolha dos materiais, não é usada qualquer ornamentação nas fachadas, como era de prática habitual nos restantes edifícios (Fig.12).

No entanto existe uma exceção na regra de Grassi para os alçados. No volume do edifício mais ligado aos serviços, além de ser volumetricamente mais estreito e posicionado transversalmente, como já foi referido, os alçados são diferentes da zona pública e principal da biblioteca. Os vãos têm um menor sentido de verticalidade, mostrando que são zonas do edifício menos acessíveis ao público - hierarquizam-se assim os espaços. (Fig.13)

Assim, Gioigo Grassi consegue implantar de forma natural e mais 'tradicional' um edifício novo, no meio de uma parte da cidade antiga sem 'ferir' a sua envolvente, integrando o edifício completamente nas 'linguagens' da cidade mas ao mesmo tempo sem perder a sua identidade e o seu tempo.



Fig.11 Maquete do edifício (Fonte: Insausti e Llopis, 1994)

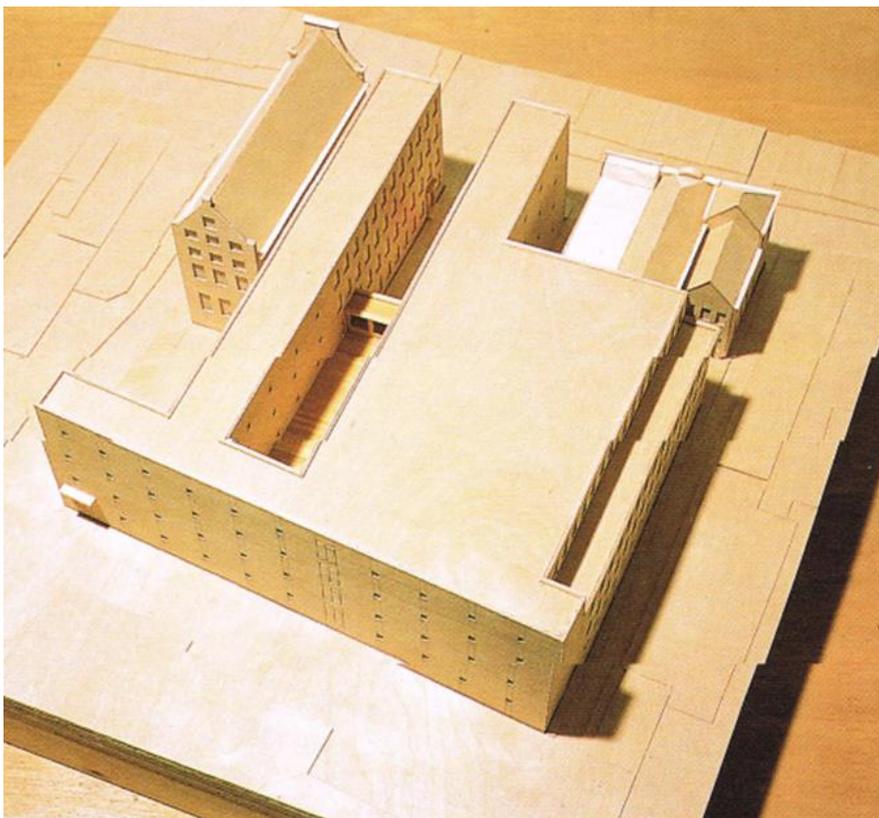


Fig. 12 Maquete do edifício (Fonte: Insausti e Llopis, 1994)

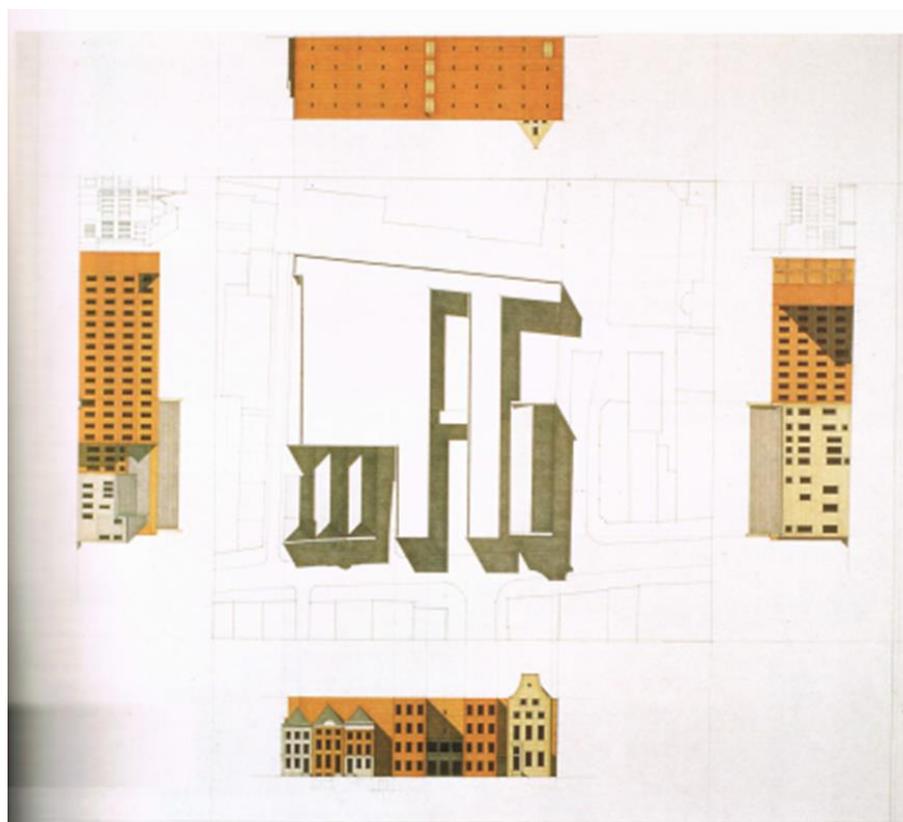


Fig.13 Planta e alçados do edifício (Fonte: Insausti e Llopis, 1994)

3.2 Edifício de Habitação Coletiva na Rua Costa Cabral - Viana de Lima

Esta obra de Viana de Lima foi escolhida por ser um edifício que, de algum modo, está numa posição intermédia face aos outros dois casos de estudo escolhidos. Construído entre 1953 e 1959, é um edifício de habitação coletiva que previa adaptar os princípios da Carta de Atenas à realidade da arquitetura portuense. Inicialmente eram previstos quatro blocos de apartamentos, mas apenas foi construído um - exatamente o que faz a frente da Rua Costa Cabral.

Como se pode verificar na Fig.14 todos os edifícios da Rua Costa Cabral estão alinhados à face da rua o que lhe dá um carácter de continuidade. A implantação do edifício de Viana de Lima é claramente diferente. Ao invés de seguir o alinhamento dos edifícios vizinhos, o arquiteto recua o seu edifício criando um jardim de chegada à porta de entrada. É um elemento de receção ao edifício.

O jardim, além de servir como elemento de receção, serve também para lhe conferir alguma privacidade e tranquilidade, porque afasta a zona de habitação, da rua e do local de atravessamento pedonal público. O jardim serve como elemento de transição entre a rua e o edifício.

Esta 'quebra' do alinhamento da rua, pode também ter a ver com o facto de se estar a desenhar a inserção de um edifício de carácter e dimensões diferentes. Assim, a inserção de um elemento com outra escala, tendo em conta as características das pré-existências vizinhas, é suavizada, aligeirando esse gesto (Fig.15). Visto que o edifício está recuado, não causa tanto impacto ao visitante quando este passeia na Rua Costa Cabral. Ao chegar ao edifício de habitação, o indivíduo não é surpreendido por uma construção de grandes dimensões em relação aos edifícios envolventes, mas sim recebido por um jardim que faz esta relação e que atenua o impacto visual.

O que poderia ter sido um simples gesto de implantação de um edifício na Rua Costa Cabral passou a ser algo significativo. A partir do momento em que o edifício surge na rua, cria-se um momento de rutura com a lógica de implantação anterior. Anteriormente todas as construções eram pensadas para se localizarem à face da rua. O edifício de Viana de Lima, foi pensado para se encontrar precisamente da forma contrária - recuado do alinhamento da Rua Costa Cabral.



Fig.14 Vista aérea da Rua Costa Cabral, Porto (Fonte: Google maps)



Fig.15 Rua Costa Cabral (Fonte: Google Maps)



Fig.16 Vista Habitação Colectiva Rua Costa Cabral (Fonte: Castro, 2011)



Fig.17 Fachada (Fonte: Autor, 2015)

Volumetricamente, a obra é um paralelepípedo com 5 pisos. No troço da Rua Costa Cabral onde este edifício está situado, o tipo edificado mais frequente é a casa unifamiliar de 2 a 3 pisos - algumas destas casa têm comércio no piso térreo. Existe portanto uma diferença tipológica e volumétrica acentuada entre as construções, e como se pode ver na Fig. 15 e já foi referido anteriormente, o facto de o edifício ser recuado e o uso do jardim como elemento de remate do alinhamento da rua “amortiza” e “aligeira” essa diferença.

A entrada do edifício uma vez que este não se impõe na face da rua, torna-se mais “escondida” tornando a entrada da habitação coletiva menos pronunciada. O arquiteto ‘coloca-lhe’ uma pala que cobre todo o percurso pedonal existente no jardim até à face da rua, para que a perceção do local de entrada seja mais evidente e protegido (Fig.16).

Os alçados laterais são iguais entre si assim como o alçado da frente do edifício da Rua Costa Cabral e o posterior. Uma vez que o edifício marca a diferença pelo seu carácter e dimensões, o alçado também não poderia ser idêntico ao das casas típicas burguesas, presentes na cultura da cidade do Porto. Este edifício também segue alguns princípios da Carta de Atenas o que influencia o desenho do alçado.

Sendo um edifício com recorte rectangular, a tendência seria passar uma imagem muito horizontal, o que contraria toda a imagem e ritmo vertical das construções vizinhas. Para contrariar essa tendência natural da forma do edifício o arquiteto evidencia a sua estrutura, no piso térreo com os pilares de betão encostados as paredes e nos pisos elevados com a marcação de linhas verticais no alinhamento dos pilares estruturais, o que ‘corta’ a horizontalidade das lajes do edifício, conferindo-lhe verticalidade e ‘elegância’. Esta marcação vertical da estrutura ajuda também a delimitar os vãos. Assim desenham-se janelas, ao invés de grandes painéis de vidro horizontais.

O desenho de janelas, e não de grandes painéis de vidro, aproxima um pouco o alçado do edifício da lógica dos edifícios vizinhos - uma lógica vertical e ritmada. Ao contrário do Hotel de Niemeyer, Viana de Lima não sente necessidade de abrir grandes vãos de vidro, mas pretende aproximar-se, à sua maneira, da linguagem de alçado existente nos edifícios envolventes.

Os alçados laterais são ligeiramente mais simples, como se pode verificar na Fig.16. Existe apenas um vão de janela ao centro e duas janelas menores de cada lado, correspondentes a zonas mais privadas como, por exemplo, instalações sanitárias.



Fig.18 Pormenor Piso Térreo (Fonte: Autor, 2015)



Fig.19 Fachada (Fonte: Castro, 2011)

3.3. Palace Hotel Brasília, Óscar Niemeyer

O terceiro caso de estudo escolhido é o Palace Hótel, em Brasília, de Oscar Niemeyer. Esta obra foi escolhida por a sua imagem se assemelhar bastante à proposta elaborada por mim em Projecto 5 e por ter uma atitude bastante afirmativa no desenho da cidade.

O edifício, inaugurado em Junho de 1958, situa-se em Brasília junto às margens do Lago Paranoá e próximo ao Palácio da Alvorada – outra obra de Oscar Niemeyer. Este foi o primeiro grande hotel da cidade, tendo capacidade para 350 hóspedes, possuindo 180 quartos, 5 pisos e um piso meio enterrado.

Em 1978 um curto-circuito destruiu grande parte do hotel que, em consequência, esteve encerrado mais de 20 anos. A sua reabertura aconteceu em 2006 com algumas alterações da linguagem modernista mas mantendo o padrão original. Inicialmente o projeto era apenas um paralelepípedo elevado do solo assente em pilares e um meio piso enterrado. Com a reconstrução do edifício surgiram duas torres em betão armado, ao lado do volume principal, contendo comunicações verticais.

Em termos de implantação, o edifício localiza-se, como é característico em Brasília, num terreno quase plano com um amplo jardim, e com algumas construções em seu redor (Fig.20). Pode verificar-se na Fig.20 que as construções localizadas à esquerda do hotel são de menor escala e quase que agregadas umas às outras. Do lado direito do hotel localizam-se construções que ficam localizadas em jardins privados. O acesso é feito pela rua principal. Assim o edifício não tem que fazer nenhum tipo de remate de rua terminando nos limites estabelecidos pelos seus jardins.

O Palace Hotel ‘pousa’ no terreno de forma diferente. O espaço que lhe é destinado é, como já foi referido, um terreno quase plano e ajardinado que não contém qualquer limite físico a não ser uma rua principal (à direita na imagem). O arquiteto opta por não aproximar o hotel nem desse limite nem dos limites do relvado, pousando o edifício como um objeto quase no centro do local, criando ruas de acesso às diversas áreas da obra e um parque de estacionamento exterior que também dá sentido ao afastamento do edifício da estrada principal.

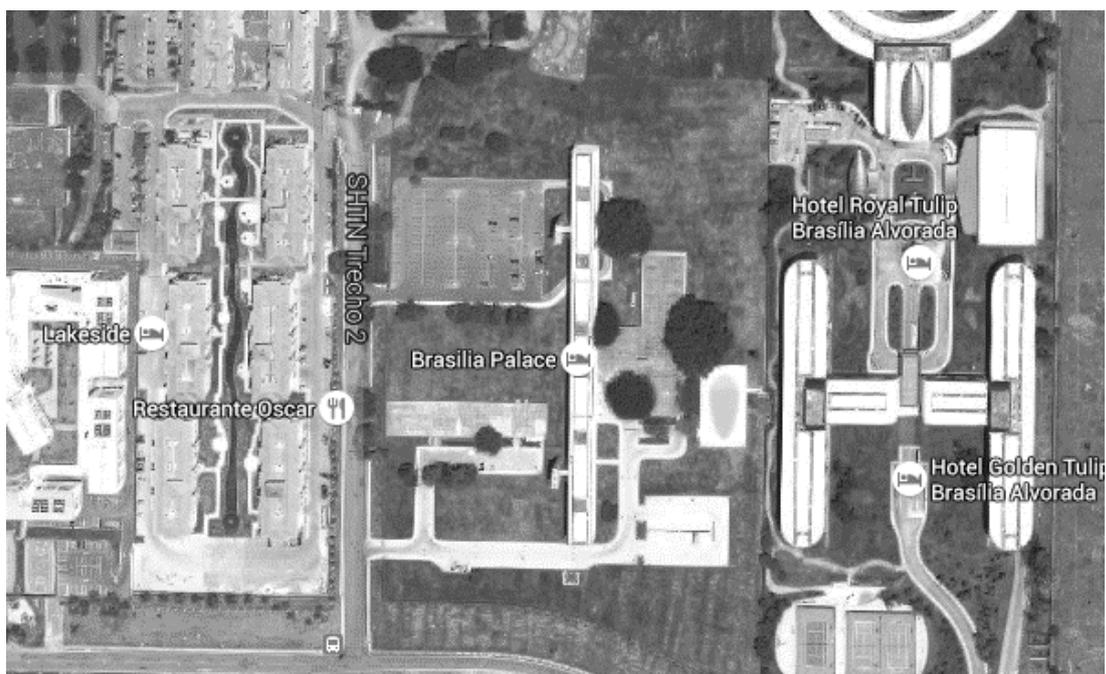


Fig.20 Vista aérea Palace Hotel, Brasília, sem escala (Fonte: Google maps)



Fig.21 Palace Hotel, Brasília (Font: <https://www.brasiliapalace.com.br/fotos>)

Este afastamento pode ter a ver com a função do edifício. Sendo um hotel, pretende-se que tenha a maior privacidade possível em todas as suas áreas e que seja afastado do barulho e confusão da rua.

O edifício pousa no terreno perpendicularmente ao rio. Visto que é um edifício alongado e relativamente estreito, esta perpendicularidade permite que o edifício não interfira com a visibilidade do mesmo.

A grande particularidade deste projeto é o facto de estar elevado do solo e da sua parte de entrada estar a num piso semi enterrado, o que permite a completa distinção entre áreas públicas e privadas do edifício. Esta é também a maior semelhança entre a obra de Niemeyer e a minha proposta desenvolvida em Projecto 5.

O edifício está elevado do solo, assente sobre pilotis. Estruturalmente, na época em que foi inaugurado, a sua estrutura metálica era uma novidade no Brasil, sendo que eram mais comuns as estruturas em betão armado. Eventualmente, a partir da construção deste hotel, a construção de estruturas metálicas disseminou-se pelo resto do país (Fig.21). Tendo em conta que é uma construção elevada, a estrutura metálica salienta ainda mais esse facto, aligeirando a estrutura e volume de construção, tornando o edifício mais leve.

O objetivo ao elevar o volume do chão é o de não ocupar o piso 0, criando transparência ao nível térreo dando continuidade ao jardim envolvente e não interferindo com a continuidade da paisagem e da relação do espaço verde com a água (Fig.22).

O gesto arquitetónico permitiu também um jogo de alturas e de espaços nas zonas públicas do edifício. Ao elevar o volume, as zonas privadas que se localizam precisamente nessa parte, passam a estar mais desligadas do piso térreo, conferindo-lhes mais privacidade e conforto. Já as zonas públicas que estão localizadas no piso -1 juntamente com todas as áreas de serviço, são iluminadas através de pátios e claraboias, não perdendo a relação com a luz natural; a maior parte de espaços não iluminados são áreas técnicas e de serviço.

Em termos de alçado, a ideia de transparência e leveza persiste. À parte do piso térreo que é quase completamente vazado, os alçados mais longos dos pisos elevados, são compostos por varandas modelares que seguem o ritmo dos pilares do piso térreo, ou seja, estão de acordo com a estrutura, e atrás dessas varandas apenas existem as janelas dos quartos. Para que o conjunto seja o mais homogéneo possível,

o arquiteto utiliza lâminas metálicas verticais em todo o alçado, que quando estão fechadas, dão um efeito espelhado refletindo a paisagem envolvente.

Estas lâminas apenas mostram uma linha de junção entre si, que salienta a posição do local da laje e acentua a imagem de horizontalidade e 'elegância' do edifício (Fig.23).



Fig.22 Palace Hotel, Brasília (Fonte: <https://www.brasiliapalace.com.br/fotos>)



Fig.23 Palace Hotel, Brasília (Fonte: <https://www.brasiliapalace.com.br/fotos>)

3.4. Leituras comparativas

Biblioteca de Groningen

Comparativamente aos outros dois casos de estudo, a biblioteca de Grassi, é sem dúvida o caso que aproxima mais a linguagem e implantação do edifício novo aos pré-existentes, e por isso mesmo foi escolhida como caso de estudo ilustrativo desta fase da investigação.

Entre o edifício de Niemeyer e o edifício de Grassi, não existem, em termos de desenho e imagem, semelhanças quase nenhuma, apesar de serem ambos edifícios de utilização pública.

O hotel de Niemeyer, como já foi exposto anteriormente, é um edifício de grandes dimensões, implantado num terreno com pouquíssimas construções na sua envolvente e onde o arquiteto não deve ter sentido tanta necessidade de aproximar a linguagem do seu edifício às linguagens das construções vizinhas.

Enquanto a obra de Niemeyer, não ocupa o piso zero, e se afirma como uma 'caixa de betão e vidro flutuante', a Biblioteca de Groningen integra-se e quase se funde com os edifícios da sua envolvente em termos de implantação e desenho do alçado. O arquiteto não sentiu necessidade de se afirmar, ou de projetar um edifício que fosse totalmente diferente do seu meio; ao invés disso, optou por replicar algumas das características mais tradicionais típicas dos edifícios circundantes, e reinterpretá-las, criando assim uma obra integrada num meio tradicional e rígido mas ao mesmo tempo mostra que foi contruída posteriormente.

IV. O projeto de intervenção no Quarteirão do Parque das Camélias

- Projecto de Intervenção

O trabalho a desenvolver na cadeira de Projeto 5.1 e 5.2 do Mestrado Integrado de Arquitetura da Universidade Lusófona do Porto no ano letivo 2014/2015, tem como programa um Hotel (de 4 estrelas) localizado na Rua Augusto Rosa.

Uma vez que o turismo é uma das atividades mais prósperas na cidade do Porto (cidade com vários prémios de melhor destino turístico nos últimos anos) o número de turistas tem vindo a aumentar significativamente e o investimento em estabelecimentos hoteleiros também, sendo que o número de hotéis na cidade do Porto quase duplicou nos últimos anos. Existem de momento 72 hotéis no Grande Porto. Desses 72, 20 são de 4 estrelas, à semelhança do programa do exercício de Projeto 5.

Nesse sentido pretende-se que a proposta elaborada seja capaz de se distinguir dos restantes edifícios com a mesma finalidade, se possível, tanto na qualidade arquitetónica do edifício como na valorização urbana e arquitetónica da cidade.

O terreno escolhido para realizar o projeto de edificação de um hotel, situa-se na frente não construída da Rua Augusto Rosa, onde se localiza atualmente uma central de camionagem. Pretende-se requalificar o interior do quarteirão das Camélias, sendo que as construções existentes no interior do mesmo poderiam, ou não, ser demolidas.

Neste projeto é necessária, ou lógica, a ideia de consolidar a frente da Rua Augusto Rosa. Esta transformou-se na questão fundamental da intervenção proposta.

Uma vez que é necessário tratar o interior do quarteirão, e todo o programa do projeto, resolvido apenas numa pequena parcela do mesmo, torna-se difícil encontrar uma solução que consolide a frente urbana e ao menos dê um carácter digno e proporcional á entrada do quarteirão existente. Se na Rua Augusto Rosa a entrada no quarteirão for feita por uma rua de pequena escala (uma vez que é no programa pedido um caminho pedonal), não parece, que seja a solução mais

acertada, visto que a escala do quarteirão leva à necessidade de intervir com uma entrada mais visível e fraca para dentro do mesmo.

4.1 Alinhamento do edifício á face da rua

Como é natural, o projeto de intervenção passou por várias fases distintas até chegar á proposta final.

A primeira ideia foi criar um volume que se desenvolvesse longitudinalmente para o interior do quarteirão, criando uma grande abertura a face da rua que permitiria uma maior visibilidade para o interior do quarteirão e facilitaria, ou promoveria, a interação dos seus potenciais utilizadores.

Esta ideia foi abandonada desde muito cedo por duas razões principais. A primeira era a orientação dos quartos. Com esta implantação, os quartos, eram 'forçados' a ser direccionados para uma das empenas do interior do quarteirão, e apesar dos espaços exteriores do quarteirão serem tratados, a envolvente está muito degradada, o que não oferece aos quartos uma paisagem agradável. A segunda razão que levou ao abandono da ideia foi o facto de com esta implantação longitudinal, o edifício tocar a frente urbana apenas num ponto deixando o resto completamente livre. Cria-se uma abertura talvez exagerada, no meio de uma frente urbana muito consolidada, o que poderia não ser vantajoso para a cidade nem para o projeto.

A segunda proposta consistia num volume que também tocava numa das extremidades da frente urbana da rua, que seria destinado as zonas públicas, e noutro(s) volume(s) que estava(m) mais recuado(s), criando assim uma espécie de praça que se relacionava com a rua, com o edifício e com o quarteirão (Fig.24). Esta praça permitia também suavizar a relação entre a rua e a entrada para o interior do quarteirão, criando assim um espaço intermédio de chegada ao hotel, bem marcado, e diferente do passeio ou do jardim público do interior do quarteirão. Mais uma vez esta solução obrigava a virar os quartos para as empenas (o que na solução anterior já se tinha verificado que não era vantajoso). O desenho de ligação entre volumes e a interação entre espaços não foi satisfatória.

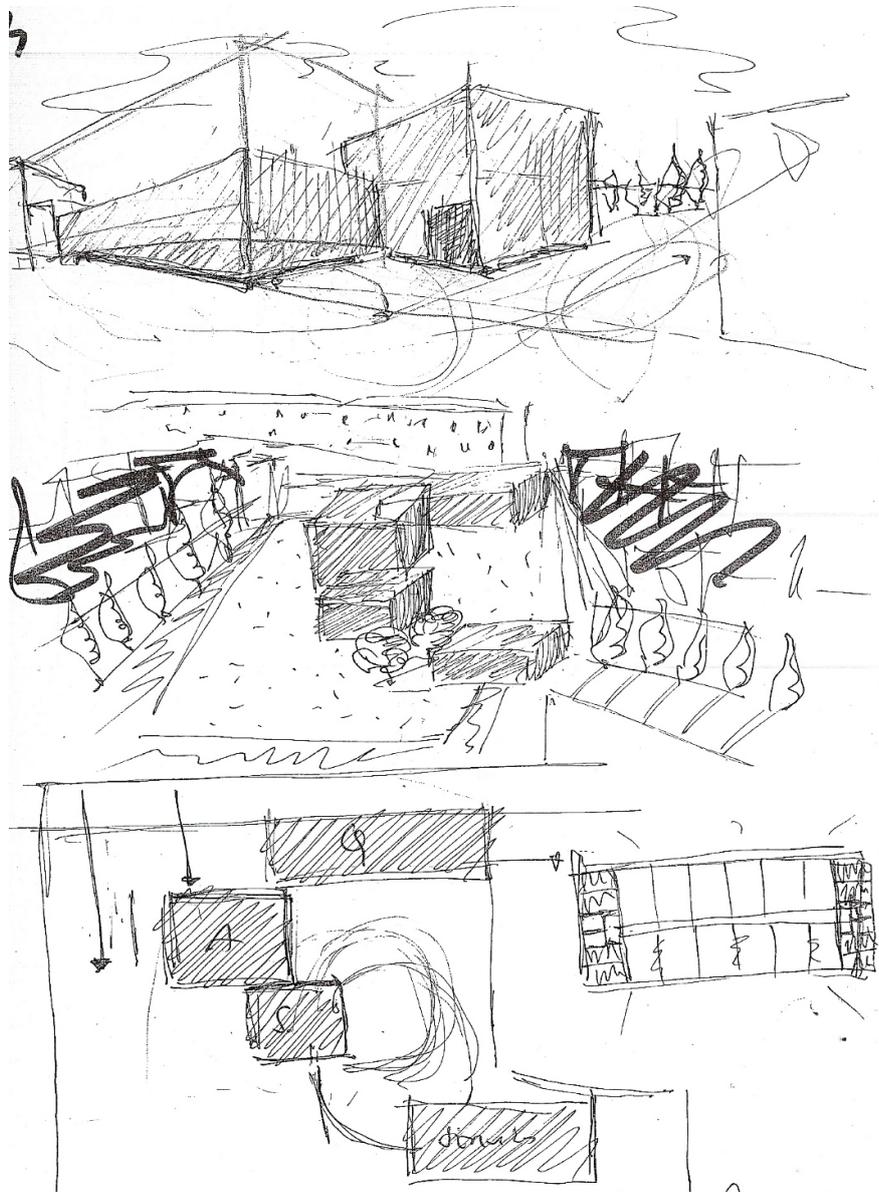


Fig.24 Caderno de esboços, estudo da proposta (Fonte: Autor, 2015)

Na última proposta, tenta-se que o nível 0 do projeto seja o mais vazado possível, assente em 'lâminas', e que os pisos 1 e 2 rematem a frente urbana pré-existente. A ideia de assentar o edifício sob um elemento estrutural, neste caso lâminas, embora passe por uma linguagem arquitetónica completamente diferente da envolvente, parecia funcionar, visto que a frente de rua é rematada pelos pisos 1 e 2, e o piso 0 se abre para o interior do quarteirão, conformando uma entrada em 'grande escala' conferindo importância ao interior do quarteirão, tornando-o um espaço mais convidativo e visível (Fig.25).

A escolha das lâminas como elemento estrutural tem a haver com o facto de que se um indivíduo caminhar ao longo da Rua Augusto Rosa e se deparar com o hotel, mesmo ao nível térreo, o edifício não parece completamente vazado embora o seja. As lâminas, vistas de escoreço, dão uma imagem sólida ao piso térreo do edifício assemelhando-se a uma parede contínua, que só revela as aberturas para o interior do quarteirão quando os visitantes chegam efetivamente ao local (Fig.26 e 27).

O problema da escolha das lâminas para suporte do edifício e remate da frente urbana no piso zero, foi que estes elementos criavam espaços muito distintos e sem função e justificação aparente. Ao utilizar estas paredes estruturais na entrada do quarteirão estava conseqüentemente a criar cinco entradas distintas, o que resultava em espaços muito pouco propositivos (Fig.28). Isto tornar-se-ia confuso para os utilizadores do espaço sendo também mais difícil de resolver a relação dos espaços interiores do quarteirão com a frente de rua.

Nos pisos 1 e 2 encontram-se os quartos e as zonas privadas do hotel. O hotel nesta solução continha 24 quartos duplos e oito suites (Fig.29).

Um dos principais problemas funcionais desta solução foi que, no piso 1, para além de algumas áreas privadas de quartos encontravam-se as salas da administração e de conferências. Apesar destes espaços estarem separados por alguns elementos de passagem e repouso, como salas de estar, não se justificava a mistura de elementos públicos e privados do programa (Fig.30). Esta mudança de disposição funcional influenciou a implantação e por sua vez a forma de remate da rua porque aqueles elementos públicos tiveram de passar para perto das restantes zonas públicas no piso 0.

No piso 0 encontravam-se todas as restantes zonas públicas, e no piso -1 estacionamento e serviços. Em implantação, o piso 0 é um volume que se 'cola' perpendicularmente ao resto do edifício ao nível térreo entrando no interior do quarteirão tentando relacionar-se com o restante tratamento do espaço envolvente (Fig.31). A solução foi também questionada uma vez que desde a rua até ao interior do quarteirão as cotas do terreno vão diminuindo, e isso faz com que no final deste volume, o piso 0, passe a piso 1, o que não vai de encontro à ideia inicial que era este volume ser o mais baixo possível e relacionar-se com os espaços exteriores do quarteirão, e impossibilitando ainda qualquer entrada ou saída térrea dos espaços públicos colocados nele (Fig.31).

Voltando à frente da Rua Augusto Rosa e à sua relação com o piso 0, no corte da Fig.31 pode verificar-se que o volume não começa logo à face da rua, mas sim uns metros mais atrás, criando uma galeria de passagem coberta pela laje do piso 1 paralela ao passeio.

O estacionamento encontrava-se no piso -1 e a sua rampa situava-se na cota mais baixa da rua para facilitar a sua execução uma vez que a rua têm uma pendente relevante (cerca de 3 metros entre as duas pré-existências).

Conforme foi referido ao longo do processo percebeu-se que a solução das lâminas como elemento estrutural e de remate não era muito viável, sendo que estas foram substituídas por pilotis.

Esta mudança tornou a imagem do edifício mais leve e abriu ainda mais o espaço. É um gesto muito significativo em termos de imagem do projeto, o que levou a bastantes mudanças.

Ao utilizar pilotis no piso 0, o espaço tornou-se muito mais amplo e o quarteirão ganhou uma entrada mais franca. Com esta solução parecia óbvio que o que faria mais sentido não era o piso 0 ser ocupado, mas tentar libertar o espaço desse piso o máximo possível. Então tentou-se uma solução onde o piso zero, fosse completamente vazado e onde estivessem presentes apenas as comunicações verticais públicas e de serviço, assim como uma receção e *backoffice* (Fig.32).

Todos os elementos do programa presentes na anterior solução para o piso 0 anterior, foram passados para o piso -1. Na cota da rua o piso -1 é enterrado. Como tal, todas as zonas de serviços seriam localizadas nessa zona porque não necessitam

de luz natural, e todas as áreas públicas iriam ser distribuídas pelo restante volume. Ao passar esta parte do programa para o piso -1 a relação entre os espaços e o terreno era mais natural.

O estacionamento passaria assim para o piso -2 o que criava problemas na execução das rampas, sendo necessária demasiada área do piso -1 apenas para acesso por rampa ao piso -2.

Este volume com as áreas públicas tinha outra fragilidade - a proximidade com a empena do edifício vizinho. Essa proximidade criava um espaço onde as esplanadas e espaços exteriores, por exemplo da sala de estar, de pequenos-almoços e bar estavam demasiado próximas dos logradouros vizinhos, o que tornava o espaço pouco agradável. Com a criação destes espaços de esplanada surgiu outra questão: estes espaços deveriam ser de uso público ou de uso exclusivo do hotel? Inicialmente pareceu que o facto de ser de usufruto público poderia potenciar a utilização do interior do quarteirão e promover a sua passagem e utilização, mas ao longo do processo, encerraram-se os espaços.

Para resolver a questão da proximidade do volume com os logradouros vizinhos, primeiro o volume foi movido alguns metros para o lado contrário, e por fim acabou por ser aproximado o mais possível do lado da cota mais alta do terreno abrindo-se completamente para o jardim. O facto de o piso -1 estar situado na cota mais alta do terreno, faz com que a zona de entrada no piso 0 nesse local seja feita em cima do mesmo. Utilizou-se a cobertura ajardinada para que a relação entre o jardim público exterior e a cobertura do edifício seja mais franca assim como com esse gesto se sugere a potencial utilização da mesma (Fig.33).

Na solução final abandona-se a hipótese da cobertura ajardinada, e prolonga-se um pavimento de lajetas de betão pela mesma. A cobertura, que pode ser percorrível em alguns pontos, apesar de se relacionar com o jardim dada a sua implantação, passa a apresentar-se como parte integrante do edifício e não como continuação do jardim.

Voltando á questão que surgiu acerca dos espaços exteriores do hotel serem de utilização pública ou privada: esta implantação do volume do piso -1, sugere que a mesma seja de uso público, mas a fim de resguardar a privacidade dos utilizadores do hotel, desenhou-se um muro que fecha a esplanada virada a Sul, e abrindo apenas num

ponto virado para o jardim. Assim, a esplanada apesar de poder ser utilizada por qualquer utilizador, não está completamente exposta para o restante quarteirão, criando um espaço mais privado e tranquilo (Fig.34).

Na solução seguinte o piso zero mantém uma planta muito semelhante á anterior na Fig.33, desenhando-se apenas mais horizontalmente o volume de vidro que envolve a zona de receção e o *backoffice* (acrescentado posteriormente), e redesenhando as caixas de escadas e elevadores (Fig.35).

Mais tarde, ainda não satisfeita com a solução, e visto que o piso -1 se encontrava demasiado compactado e com alguns problemas funcionais, foi decidido passar toda a zona administrativa para o piso 0. Esta decisão permite libertar mais espaço no piso -1 e reorganizar funcionalmente os espaços presentes nesse piso. Neste ponto, foi tomada também a decisão de dividir o piso 0 em duas zonas distintas, uma mais pública e outra mais privada a fim de organizar e definir funções para o espaço exterior envolvente do edifício. Como se pode verificar na fig.36, do lado direito da planta encontram-se os espaço de uso do hotel – *backoffice*, sala de reuniões, gabinetes, grupo de transformação, átrio, receção e escadas públicas - já do lado esquerdo, encontram-se apenas as escadas de serviço, com acesso restrito, ou seja, é apenas um volume pousado no espaço, e torna aquele local do piso 0, uma zona de passagem para o interior do quarteirão, de uso mais público.

Na proposta final, o princípio de subdividir em duas áreas distintas o piso 0 mantem-se. Após a distribuição dos espaços no edifício estar organizada e funcional, era necessário tornar mais evidente alguns dos objetivos desta disposição dos espaços.

Mantendo a mesma disposição dos espaços, redesenharam-se algumas paredes e acrescentaram-se novos elementos para que o desenho dos espaços fosse mais claro. Por exemplo, a caixa de escadas de serviço (do lado direito) tornou-se mais arredondada, com uma ligeira reentrância quase oculta, que contém a porta e ao mesmo tempo a esconde, uma vez que é de acesso restrito. Desde as escadas de serviço até ao volume de utilização do hotel, desenhou-se uma guarda com uma forma sinuosa, que indica o caminho a seguir pelos carros que entrarem na zona de chegada exterior coberta do hotel, criando assim um espaço exterior protegido para carros. O volume que contém as zonas públicas do hotel, acompanha o mesmo princípio, redesenhando-se com formas menos rígidas e acompanhando o desenho que vem das escadas de serviço e das guardas. Este gesto, faz com que o edifício se dividida em duas

situações, a primeira um bloco de vidro transparente 'suspense' e a segunda, no piso 0 elementos 'soltos' que colmatam funcionalmente as necessidades do edifício. (Fig.37)

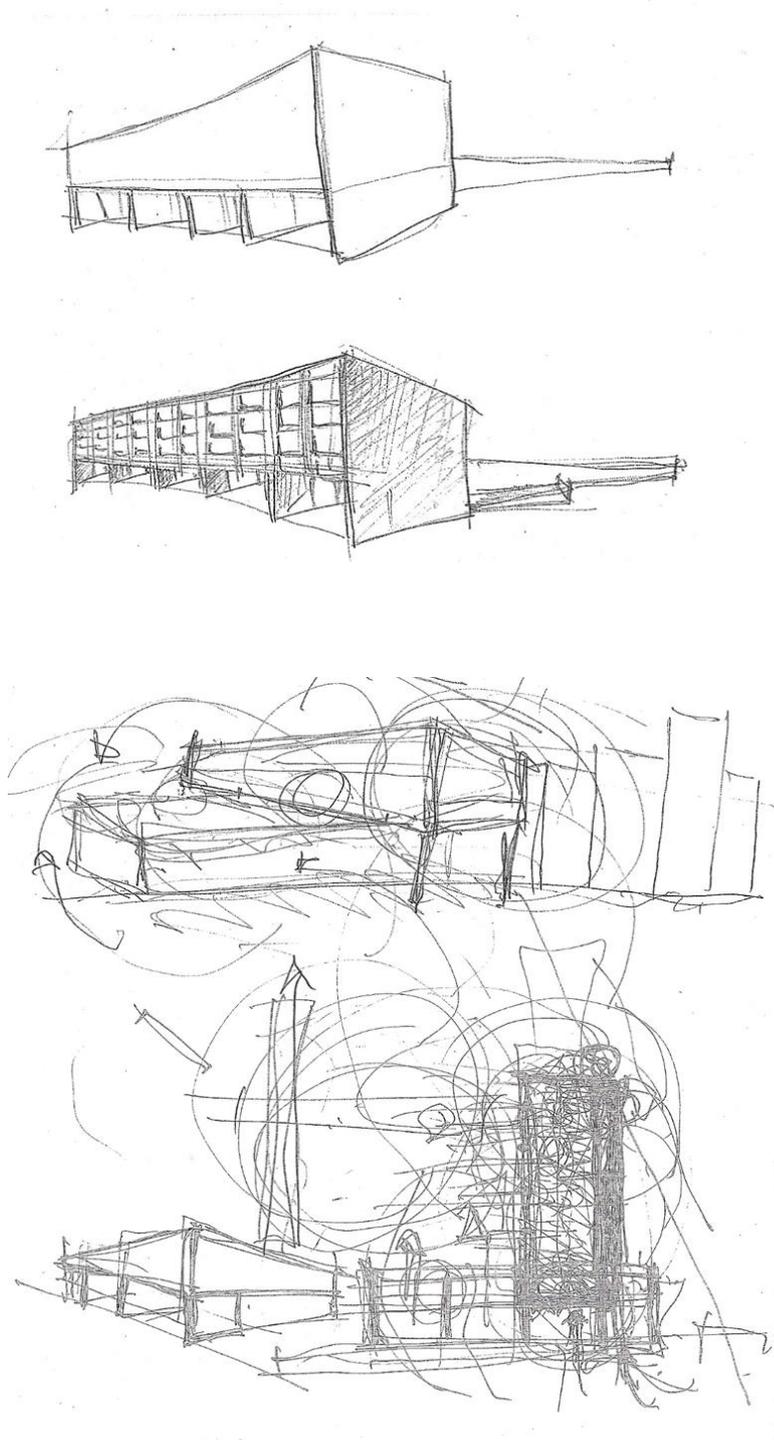


Fig.25 Caderno de esquiços, Estudo da proposta (Fonte: Autor, 2015)



Fig.26 e 27 Planta esquemática de implantação e Perfil 1, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

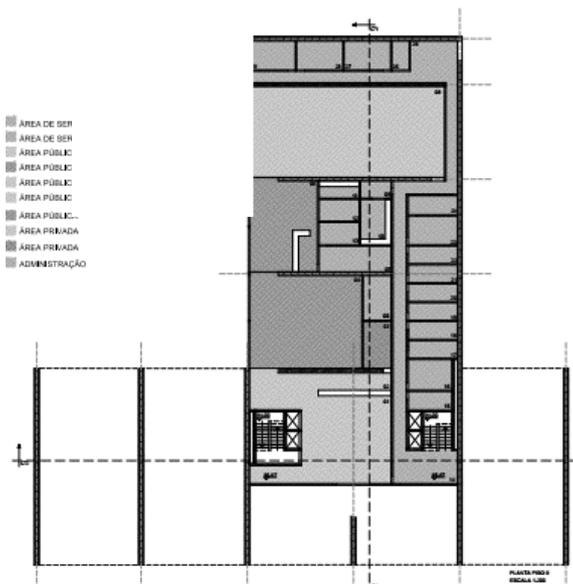


Fig.28 Planta piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

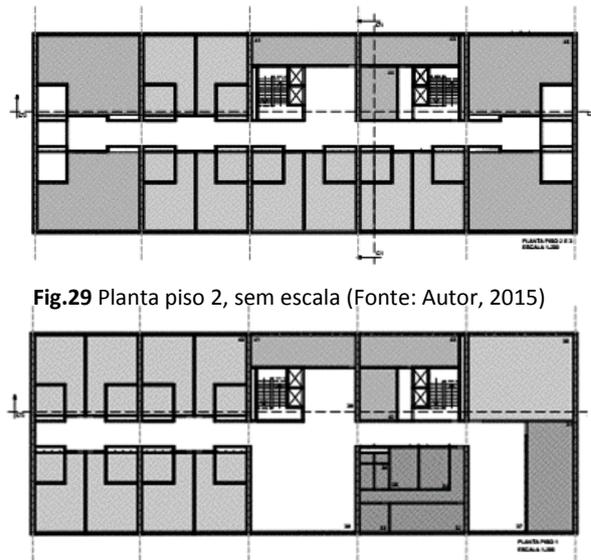


Fig.29 Planta piso 2, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

Fig. 30 Planta piso 1 (Fonte: sem escala (Fonte: Autor, 2015))

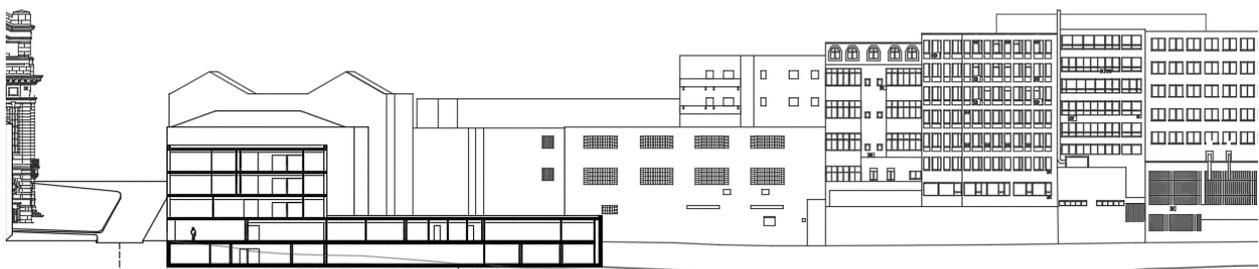


Fig.31 Corte Longitudinal, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

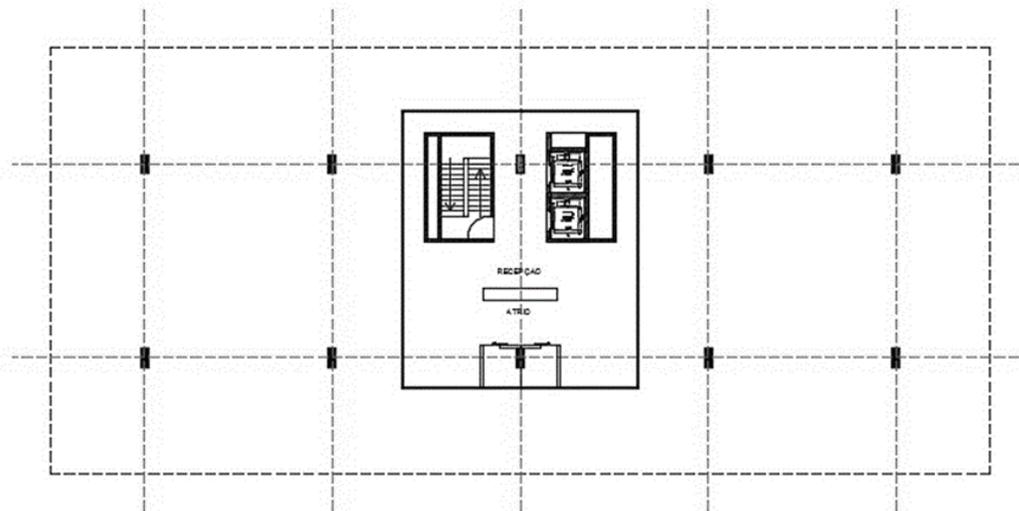


Fig.32 Planta piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

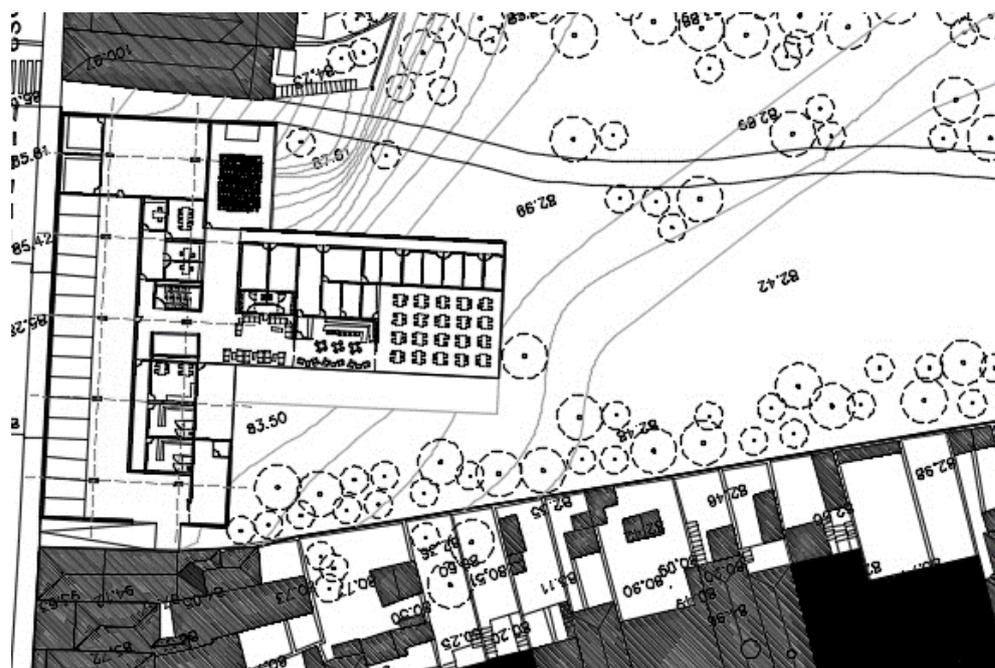


Fig.33 Planta piso -1, sem escala (relação da distância entre o edifício proposto e os edifícios vizinhos) (Fonte: Autor, 2015)

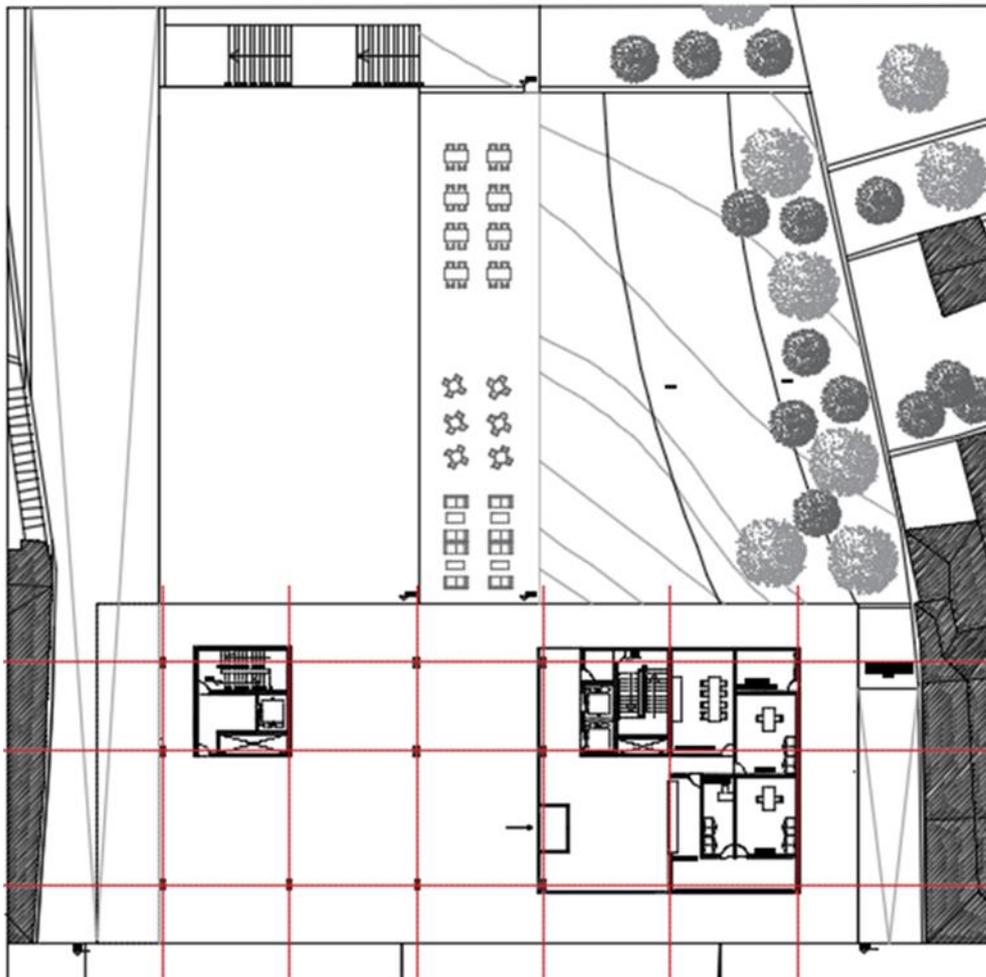


Fig.34 Planta piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

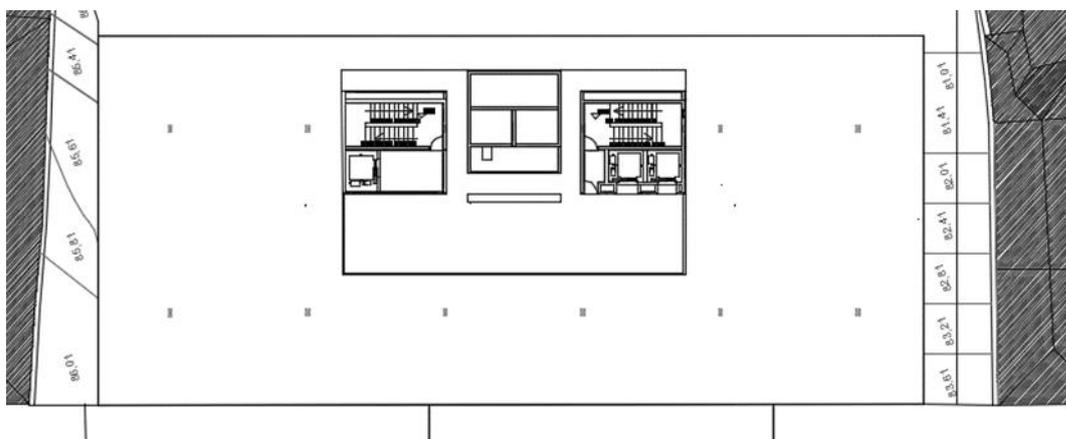


Fig.35 Planta piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

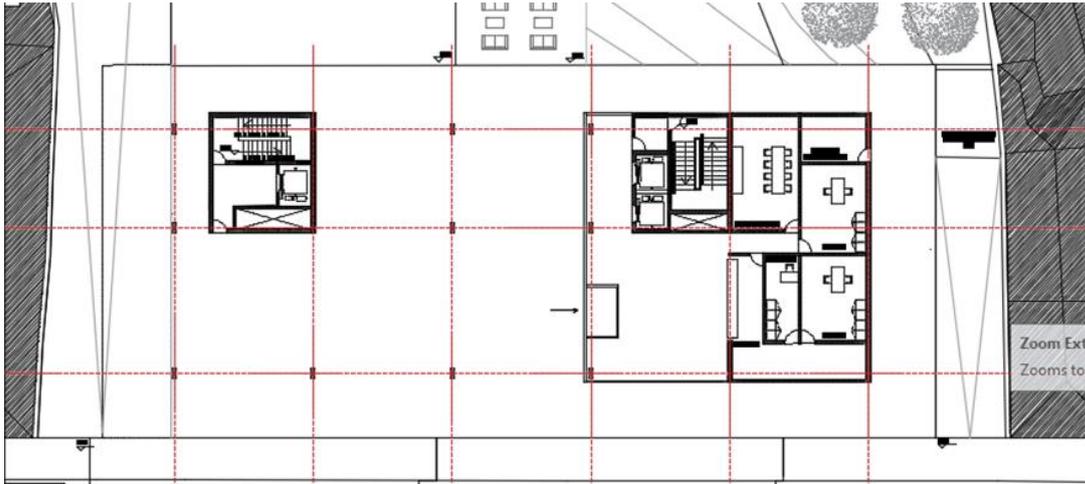


Fig.36 Planta piso 0, sem escala, (Fonte: Autor, 2015)

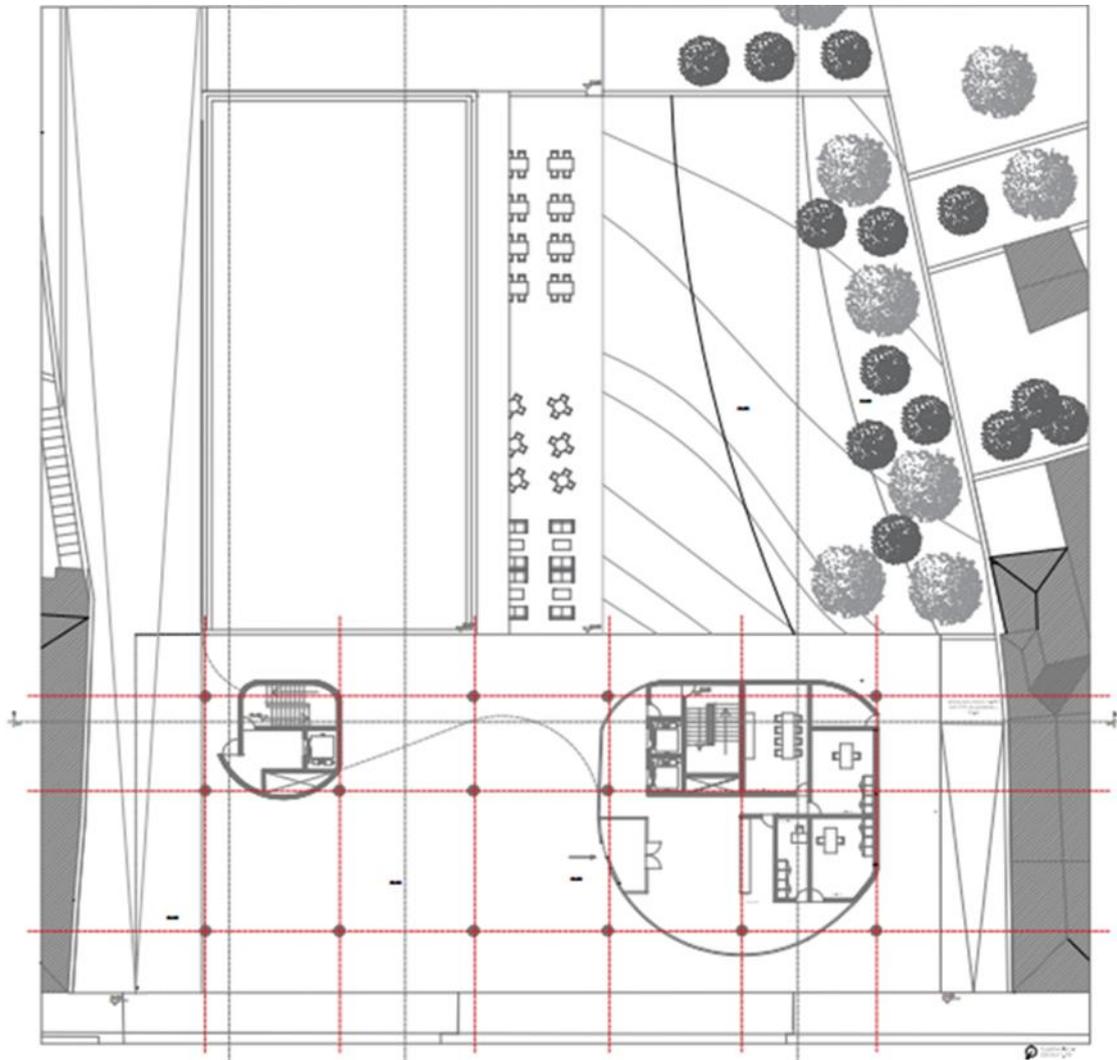


Fig.37 Planta piso 0 Final sem escala, (Fonte: Autor, 2015)

4.2. Altura do Edifício

A altura, e por sua vez o número de pisos, da típica casa burguesa do Porto vai variando e como tal, alguns estudos do projeto passaram por perceber como é que seria a céntrica e fachada do edifício. Alguns estudos tentam reproduzir esse ritmo ao criar elementos de pisos distintos (Fig.39), mas a solução passou por manter a pureza de um paralelepípedo que se destaca da envolvente afirmando o edifício como uma construção nova, de outro tempo, com recurso a materiais diferentes. Assim o edifício destaca-se não apenas pela sua função, como também pela sua imagem, evidenciando a sua localização e chamando a atenção para o novo interior de quarteirão de uso público, o que valoriza e potencia a sua utilização.

Ao longo do processo o facto de se colocar com esta implantação todas as zonas públicas e serviços associados as mesmas no mesmo volume fez com que este perdesse subtilidade e as suas dimensões fossem exageradas. Tentou-se novamente incorporar alguns espaços no piso 0 (Fig.40).

Nesta experiência, o volume do piso 0, que ia receber a parte do programa a retirar do piso -1 era o mais transparente possível, sendo a maior parte dos seus espaços em vidro, livre e aberto (sempre que possível). Criava-se também uma galeria recuada à face da rua à semelhança de outra fase do projeto (Fig.38). No final da tentativa, verificou-se que num tipo de edifício como o que se estava a projetar, não faria grande sentido a ocupação parcial de grande parte do espaço do piso 0. Este deveria ser o mais livre e amplo, abrindo uma grande entrada para o interior do quarteirão.

Assim volta-se à solução da planta do piso 0 ser o mais livre possível, apenas com um *backoffice*, a receção e as comunicações verticais. Esta solução leva a que, ao contrário da maioria dos hotéis, o visitante, em vez de se manter no piso de entrada ou subir para chegar até às áreas públicas, tenha de descer para o piso -1 (como no hotel de Niemeyer) para usufruir dos espaços por um percurso interior, o que se torna numa marca própria e diferenciadora do hotel. Uma vez que as explanadas do edifício passam a ser de uso público, pode também aceder-se aos espaços pelo exterior.

A planta do piso 0 é o mais simples possível, assemelhando-se a uma caixa de vidro, com três caixas mais sólidas no seu interior: uma para as comunicações verticais de serviço, outra para as comunicações verticais públicas e outra, mais pequena, onde

se encontra o *backoffice* e o posto de transformação. Existem mais três espaços neste volume: a sala de estar, a sala de jogos e o átrio de entrada, definidos apenas por mobiliário. Esta caixa de vidro encontra-se descolada das fachadas superiores do edifício, o que confere ao piso 0 o carácter de grande galeria coberta, de lado a lado do hotel (Fig.42).

Na proposta seguinte a planta do piso 0 é semelhante (Fig.37), mas foi removida a sala de estar e a sala de jogos desta planta para que a ideia de espaço livre e de permeabilidade do edifício fosse salientada. Passam assim estes espaços a estarem situados no piso -1 como todos os outros elementos públicos e de serviços do hotel.

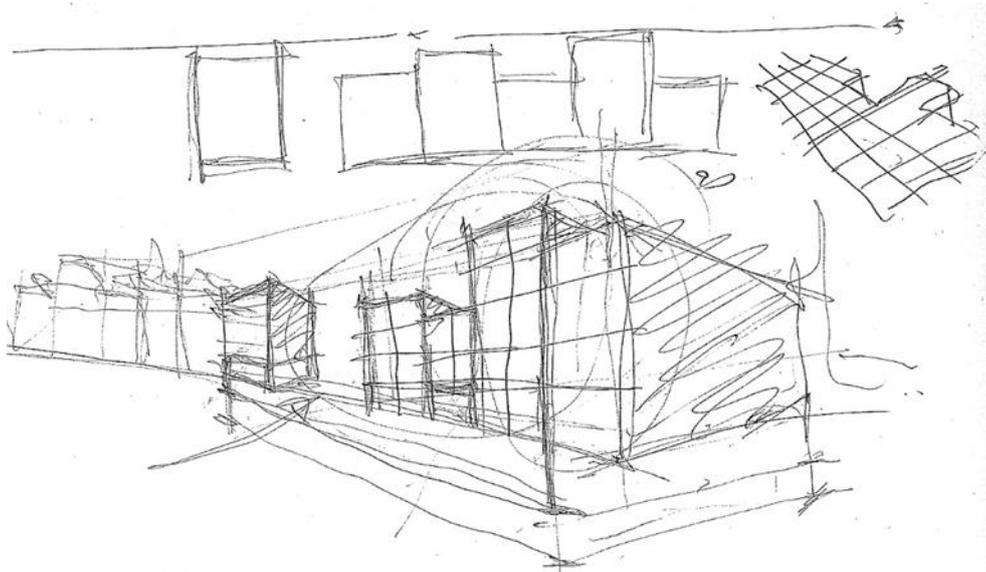


Fig.38 Caderno de esboços, estudo da proposta (Fonte: Autor, 2015)

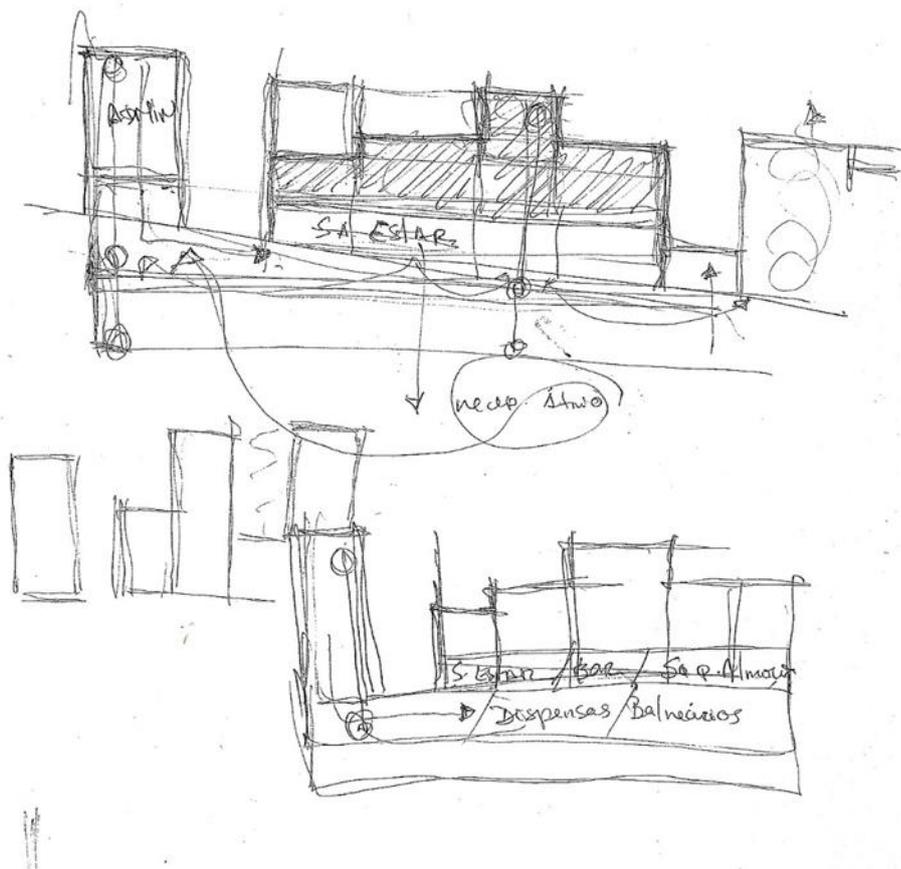


Fig.39 Caderno de esboços, estudo da proposta (Fonte: Autor, 2015)

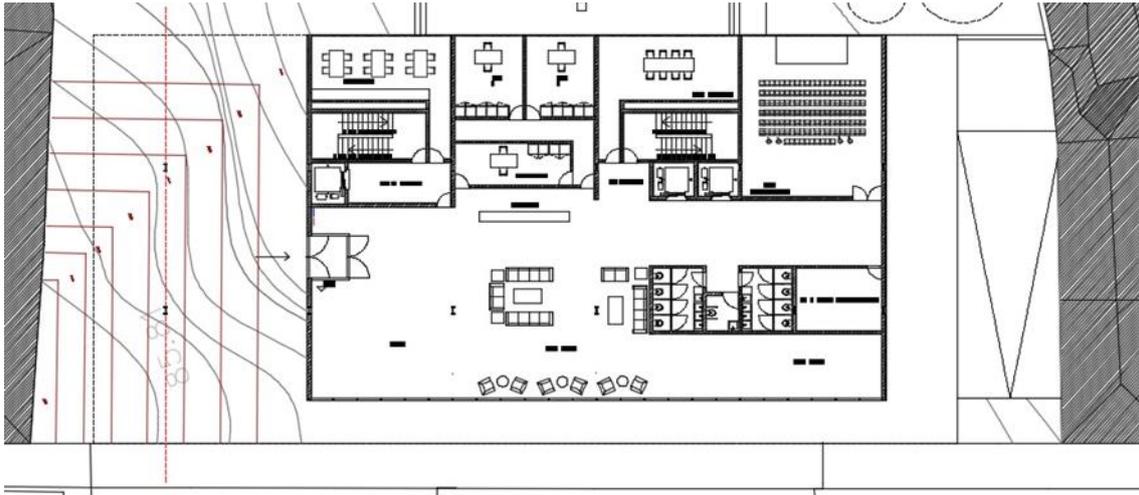


Fig.40 Planta piso 0, sem escala, (Fonte: Autor, 2015)

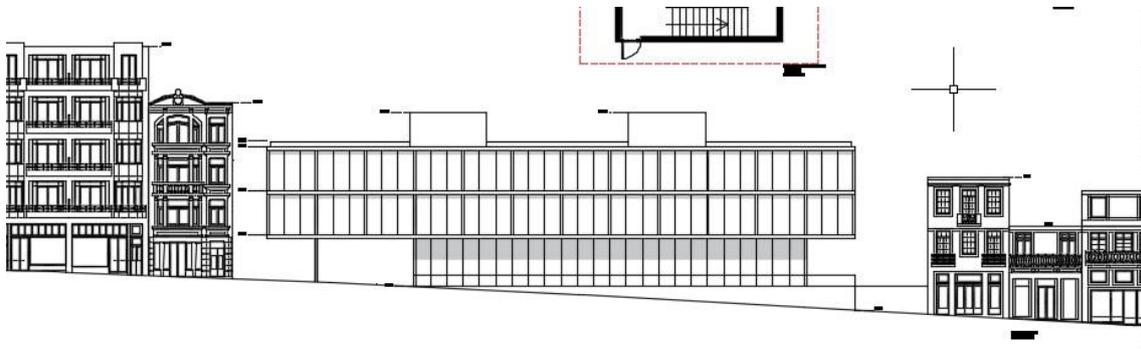


Fig.41 Alçado Rua Augusto Rosa, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

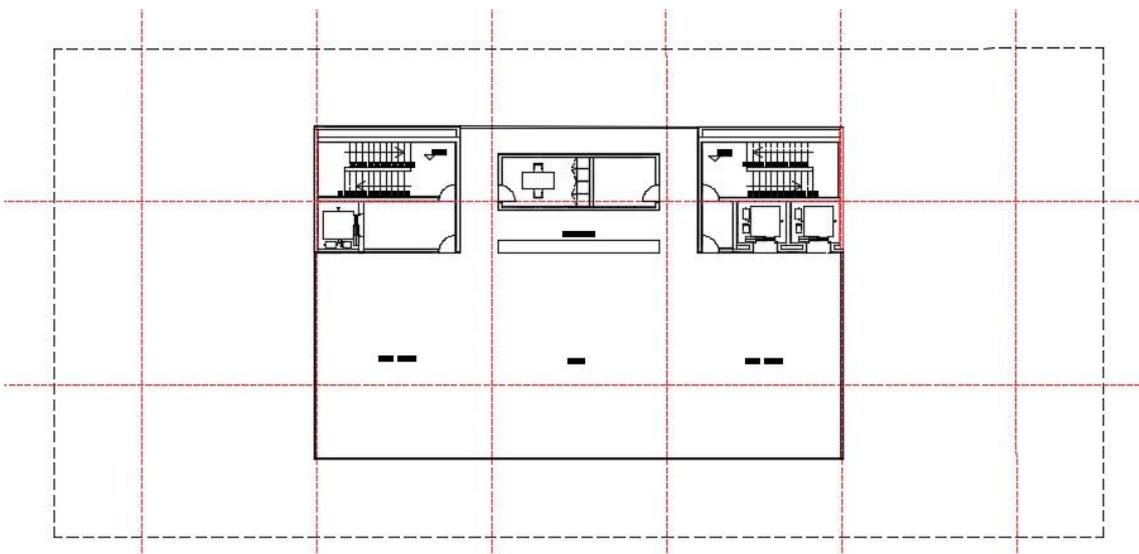


Fig.42 Planta piso 0, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

Na proposta final, foi pensado que o piso 0 deveria marcar de alguma forma a diferença do restante edifício, comunicando apenas funcionalmente e desligando-se do resto em termos de imagem. Posto isto, com a mesma distribuição de espaços, redesenhou-se o piso 0, optando por formas menos rígidas e mais fluídas. Encontram-se dois volumes curvos, ligados por uma guarda metálica, que guia o circuito que os veículos podem fazer até à porta de entrada do edifício. Já a caixa de escadas de serviço (localizada do lado esquerdo da fig.37) esconde a sua porta de serviço, da vista do indivíduo que passa na rua, acentuando que é uma área restrita. Este gesto separa o grande volume de vidro, muito regular e simétrico dos pisos superiores do restante edifício, salientando que ambos têm utilizações diferentes, como já foi referido anteriormente (Fig.37). O piso 0 passa também a ter um pé direito mais baixo, o que automaticamente reduz a dimensão do edifício e equilibra mais o desenho e relação da fachada do hotel com as construções vizinhas (Fig.46).

4.3 Posição do Edifício na Parcela – Relação com os Edifícios Vizinhos

O afastamento do edifício face aos edifícios pré-existentes foi outra questão fundamental no desenvolvimento do projeto. Dado que a proposta apresenta uma solução, em termos de imagem, completamente distinta da envolvente, encostar o edifício aos adjacentes não parecia ser a melhor solução.

Do lado direito do alçado Oeste, (Fig.40) nos primeiros estudos, o afastamento era definido pela distância necessária para passarem dois carros na entrada e saída do parque de estacionamento; do lado contrário, a distância era o que restava. Rapidamente se constatou que esta não era a abordagem mais correta ao problema. Então, definiu-se um novo módulo estrutural que subdividia o edifício em 13 módulos iguais de 4.10 metros cada. Utilizou-se a mesma medida do módulo para definir a distância aos edifícios vizinhos, tornando a solução mais sólida e regular (Fig.41).

Uma vez que este módulo de 4.10 metros é demasiado pequeno em relação à medida mínima para elaborar uma rampa de dois sentidos para veículos, a entrada do parque de estacionamento deixou de se fazer pela fachada principal (Rua Augusto Rosa) e passou a ser feita pelo lado contrário do quarteirão.

O que antecede precisamente a entrada principal do parque é outro parque de estacionamento exterior, rematado por um muro, e que fecha a empena desse lado

que está em muito más condições. Do outro lado do muro de remate do parque de estacionamento encontra-se o piso -1 da proposta. O parque de estacionamento deixa então de pertencer a um piso isolado e passa a integrar-se no piso -1, na zona enterrada, sem necessidade de criar qualquer tipo de rampa acentuada, apenas com a ajuda do desnível de cotas do terreno (Fig.43). Este gesto faz a diferença na fachada principal do edifício, tornando-a mais regular e controlada (Fig.44).

Sendo quase todo o piso 0 uma zona de passagem, era necessário definir zonas e objetivos para cada um dos seus espaços - algo que nas outras propostas não acontecia. Ficou então dividido o piso 0 em três zonas distintas: local da passagem pedonal, entrada do edifício e entrada para a zona de esplanadas da sala de pequenos-almoços e bar.

O facto de o terreno ter sido trabalhado para que a cota mais alta do terreno acompanhe a cobertura (lado esquerdo da fachada do edifício) faz com que essa parte do atravessamento se destine apenas a passagem pedonal exigida no programa do exercício. Existe uma zona central que leva até ao volume de vidro que contém a receção do edifício e comunicações verticais e, por fim, nas cotas mais baixas, do lado direito da fachada encontra-se a zona de passagem que leva até às esplanadas da sala de pequenos-almoços e bar, que podem então ser acessíveis aos visitantes pelo exterior, mais uma vez potenciando o interior do quarteirão. Todas estas zonas são mais uma vez cobertas pela lage do piso 1 o que pode transmitir a ideia de zonas de espera ou repouso.

Todo o edifício é também envolvido por uma galeria exterior que para além de criar circulações exteriores protegidas também descola os elementos do piso 0 das fachadas do edifício, acentuando a imagem de leveza e de vazio do piso 0.



Fig.43 planta de implantação (proposta anterior) rampa de estacionamento, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

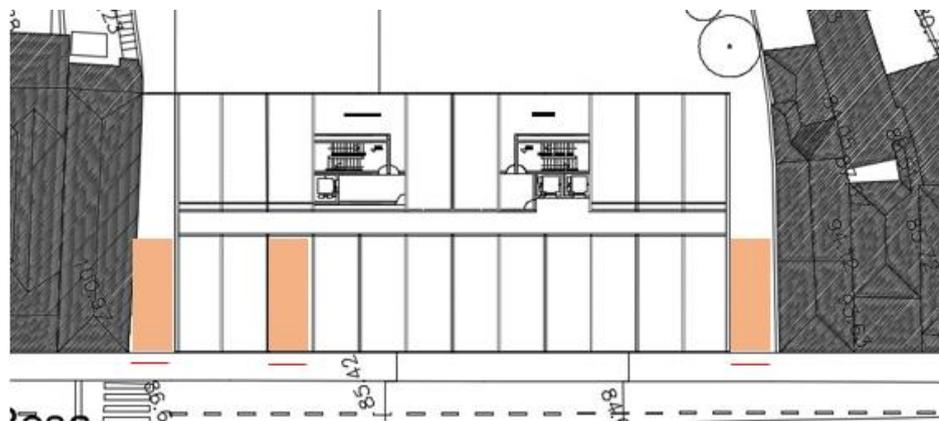


Fig.44 Esquema de estudo do módulo, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

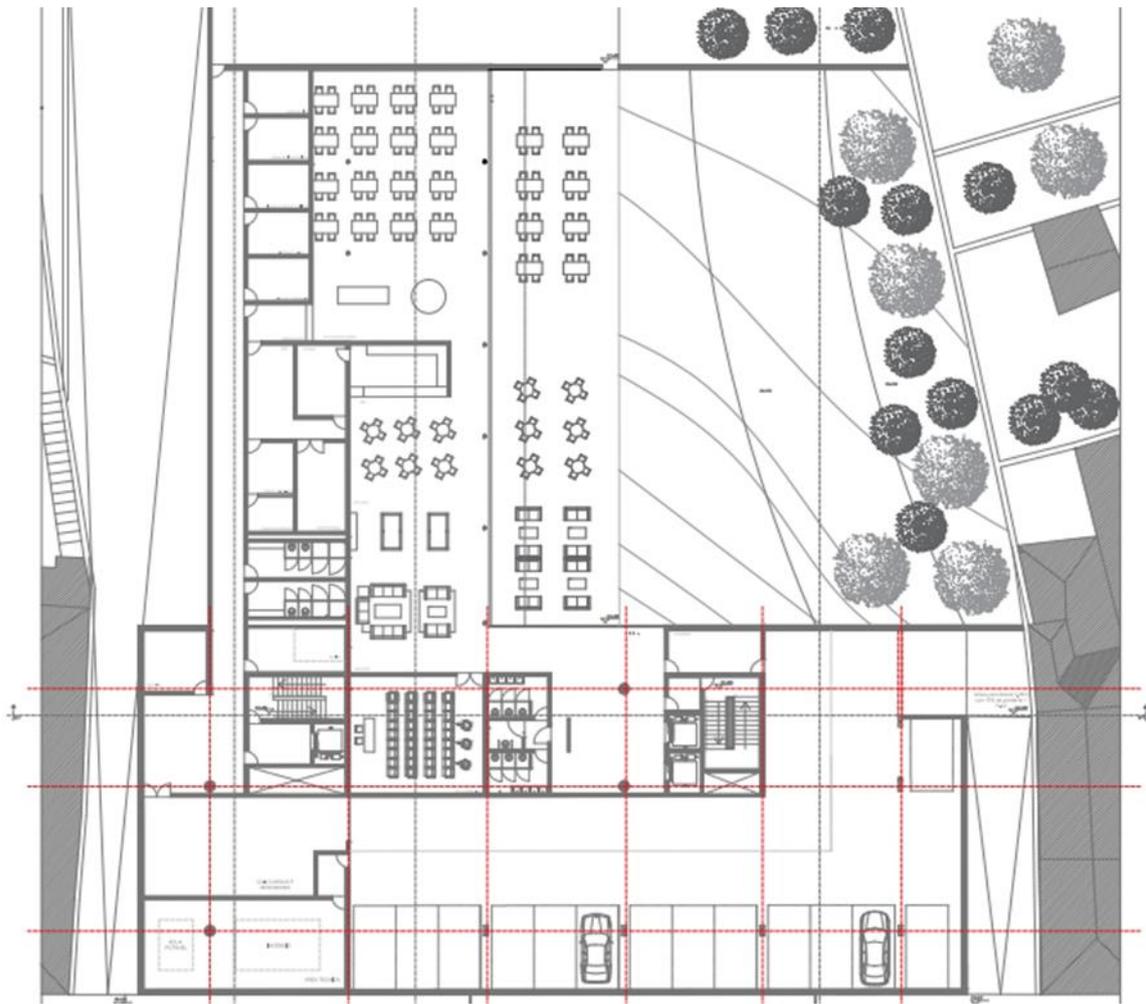


Fig.45 planta piso -1, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

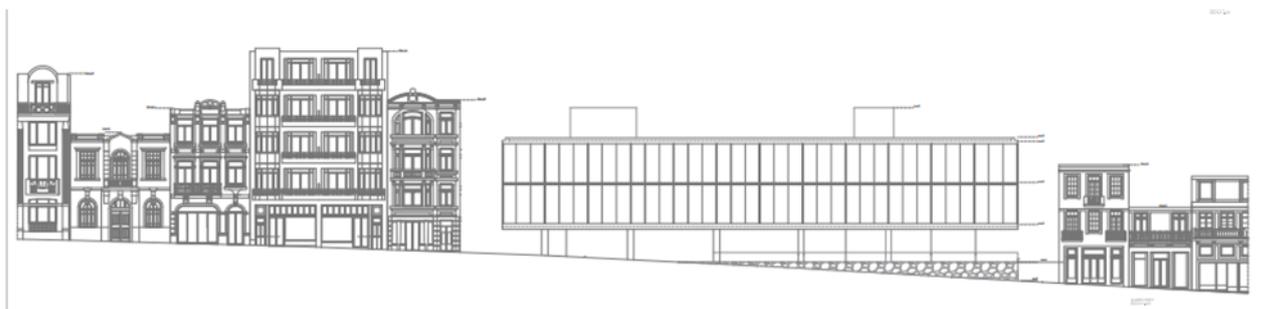


Fig.46 Alçado Rua Augusto Rosa, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

4.4 Alçado do Edifício

No quarteirão das Camélias podem verificar-se duas realidades distintas no que diz respeito a épocas de construção de edifícios e atitudes arquitetónicas. Num lado do quarteirão (do lado da Rua do Sol) permanecem as típicas casas burguesas do século XIX. Já no outro extremo do mesmo quarteirão a realidade é bem diferente. Encontram-se também algumas casas burguesas, mas é uma frente urbana muito diversificada, onde se podem encontrar construções mais recentes, maioritariamente do séc. XX onde se enquadram tipologias muito diferentes da casa unifamiliar, como por exemplo a habitação coletiva. Curiosamente o quarteirão divide-se claramente no seu interior e extremos, criando uma zona de separação dos dois acontecimentos. Foi necessário perceber de que forma o projeto de intervenção, se enquadra ou não em alguma das linguagens, se inclusive deve ou não fazê-lo e que tipo de atitude arquitetónica introduz neste quarteirão da cidade do Porto.

Na elaboração do Alçado levantaram-se grandes questões: deveria o alçado seguir a linha de imagem e materialidade da casa burguesa típica da cidade do Porto ou deveria impor-se como um edifício novo, de imagem e materialidade completamente diferentes?

Esta é uma questão muito relevante uma vez que o quarteirão onde o edifício iria ser implantado contém edifícios de várias épocas e com vários tipos de imagem, ora são casas burguesas típicas na cidade do Porto, ora são edifícios de habitação coletiva, comerciais ou administrativos de imagens muito diversificadas. Ou seja, o quarteirão parece ter sido a consequência de vários acontecimentos e necessidades em épocas diferentes e a tendência, tendo em conta o estado das construções antigas, é ser requalificado e renovado ao longo dos anos, assim como acontecerá em toda a cidade que está em constante evolução e transformação.

O alçado deste edifício é relativamente simples, com uma imagem simétrica e muito regrada que segue a imagem estrutural do projeto. Quanto à materialidade, são fachadas maioritariamente em painéis de vidro de correr, marcados por paredes divisórias de 4.10 em 4.10 metros dos módulos dos quartos e módulos intercalares menores marcados pela caixilharia metálica (Fig.44).

Esta conjugação de vidro e metal dá ao edifício uma expressão muito leve e transparente, o que vai de encontro com a ideia de abertura para o interior do quarteirão e maior visibilidade do mesmo de modo a promover a sua utilização.

A proposta do Edifício marca a diferença em quase todos os aspetos do projeto, a materialidade não é exceção. Este hotel pretende destacar-se no meio envolvente e não se fundir com a materialidade ou desenho dos edifícios adjacentes, pretende sobressair e fazer-se notar, marcar posição, mas o desenho do alçado não ultrapassa o número de pisos médio dos restantes vizinhos, o edifício não se cola aos edifícios laterais e também a caixilharia de vidro marca uma regra de módulos verticais semelhante aos vãos dos edifícios laterais, apesar de serem duas linguagens e gestos totalmente diferentes (Fig.46 e 48).

O alçado é um elemento importantíssimo num edifício, é o seu rosto e ‘cartão-de-visita’. Neste projeto o objetivo era afirmação do objeto na cidade, e ao mesmo tempo a desmaterialização no local para passar a ideia de permeabilidade. Com este objetivo cumprido concluiu-se proposta final do projeto (Fig.46).

O projeto de intervenção, está claramente entre duas realidades distintas mas não se ‘cola’ a nenhuma das duas, afirmando-se como construção independente com uma atitude inovadora. É ao mesmo tempo um momento de tensão e de repouso entre as duas linguagens como um gesto radical de projetar arquitetura.



Fig.48 Alçado Norte, sem escala (Fonte: Autor, 2015)

V. Considerações finais

Esta investigação tenciona dar um contributo para os processos de intervenção urbana, mais especificamente, para uma opção de consolidação da frente urbana, principalmente nas cidades com uma forte história urbana e como tal, com conjuntos edificados com uma linguagem tradicional e característica. É este o caso do local de intervenção no centro da cidade do Porto.

Partindo de uma base teórica e metodológica, suportada por uma síntese da evolução do quarteirão urbano e uma análise de três diferentes obras (a Biblioteca de Groningen, uma habitação coletiva na Rua Costa Cabral no Porto e o Palace Hotel em Brasília) - foi possível chegar a algumas conclusões acerca da problemática da elaboração de um projeto de intervenção.

Após a análise do modo como alguns dos elementos fundamentais de forma urbana – a rua, o quarteirão, a parcela e o edifício – foram evoluindo ao longo de mais de um século, foi possível compreender algumas questões relevantes acerca de como desenhar a cidade e alguns dos motivos que levaram à transformação da estrutura e forma urbana ao longo dos anos.

Depois de uma análise mais abrangente que diz respeito á cidade, foi feito um estudo mais específico, centrado no edifício - na sua relação com a rua, o quarteirão e a parcela. Ao analisar três edifícios que dialogam com a cidade de modo completamente distinto, foi possível compreender os fatores que levaram, por consequência, á sua forma/implantação/postura na cidade, como também algumas escolhas dos arquitetos em questão.

Por fim, foi elaborado um projeto de intervenção em que se utilizam vários gestos compreendidos ao longo desta investigação, tentando que o edifício se integre na malha pré-existente e ao mesmo tempo, tendo em conta a sua funcionalidade e o quarteirão público a que está agregado, seja alvo de um certo destaque. Este exercício de projeto foi utilizado como pretexto para uma reflexão estruturada sobre o próprio ato de projetar. Nessa reflexão, texto e desenho, procuraram articular-se de modo efetivo no sentido da explicitação de um método de projeção. Importa sublinhar, por fim, que se percebeu que no mesmo local se pode intervir de formas muito diferentes, dependendo apenas da forma e função do edifício ou, no limite, das escolhas do arquiteto.

VI. Bibliografia

Batey, J. (1997) Oscar Niemeyer, Gustavo Gili, Barcelona

Castro, C. (2011) Viana de Lima, Quidnovi, Vila do Conde

Ficher, S. e Schlee, A (2010) Guia de obras de Oscar Niemeyer, Câmara dos Deputados, Brasília

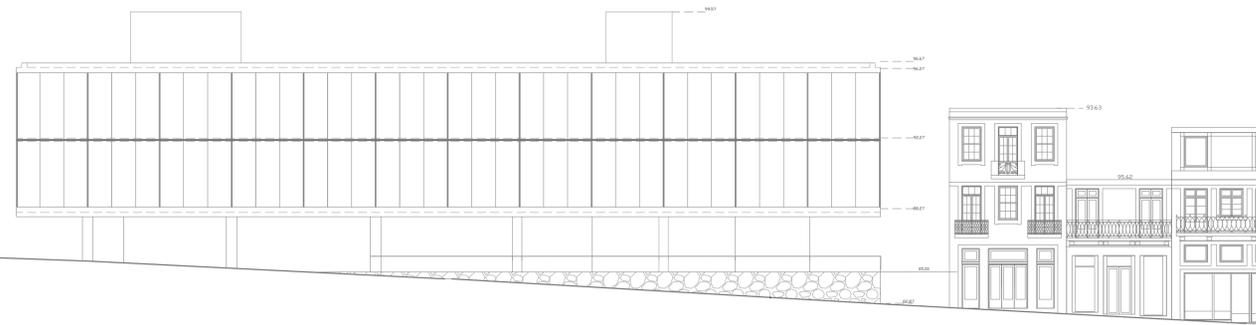
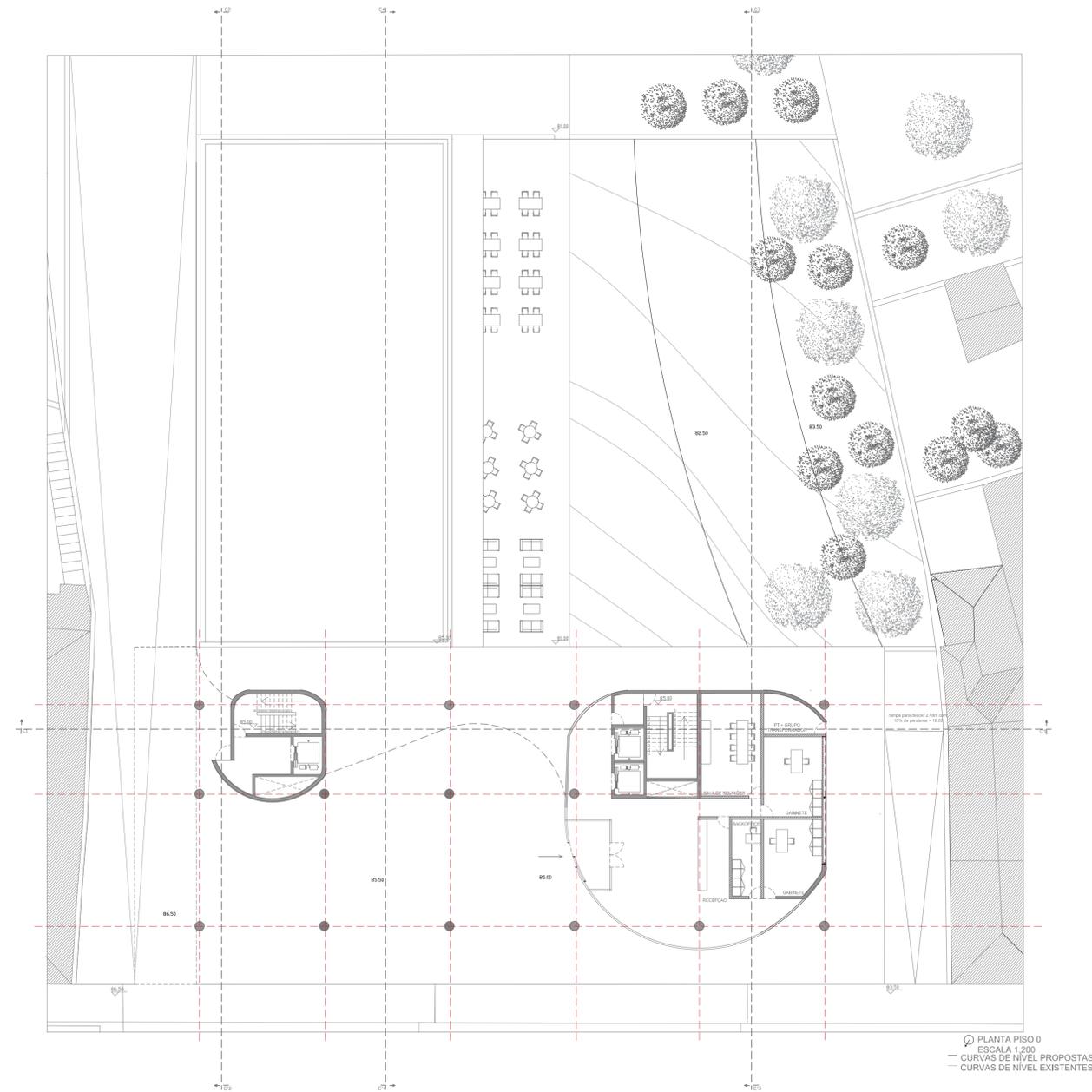
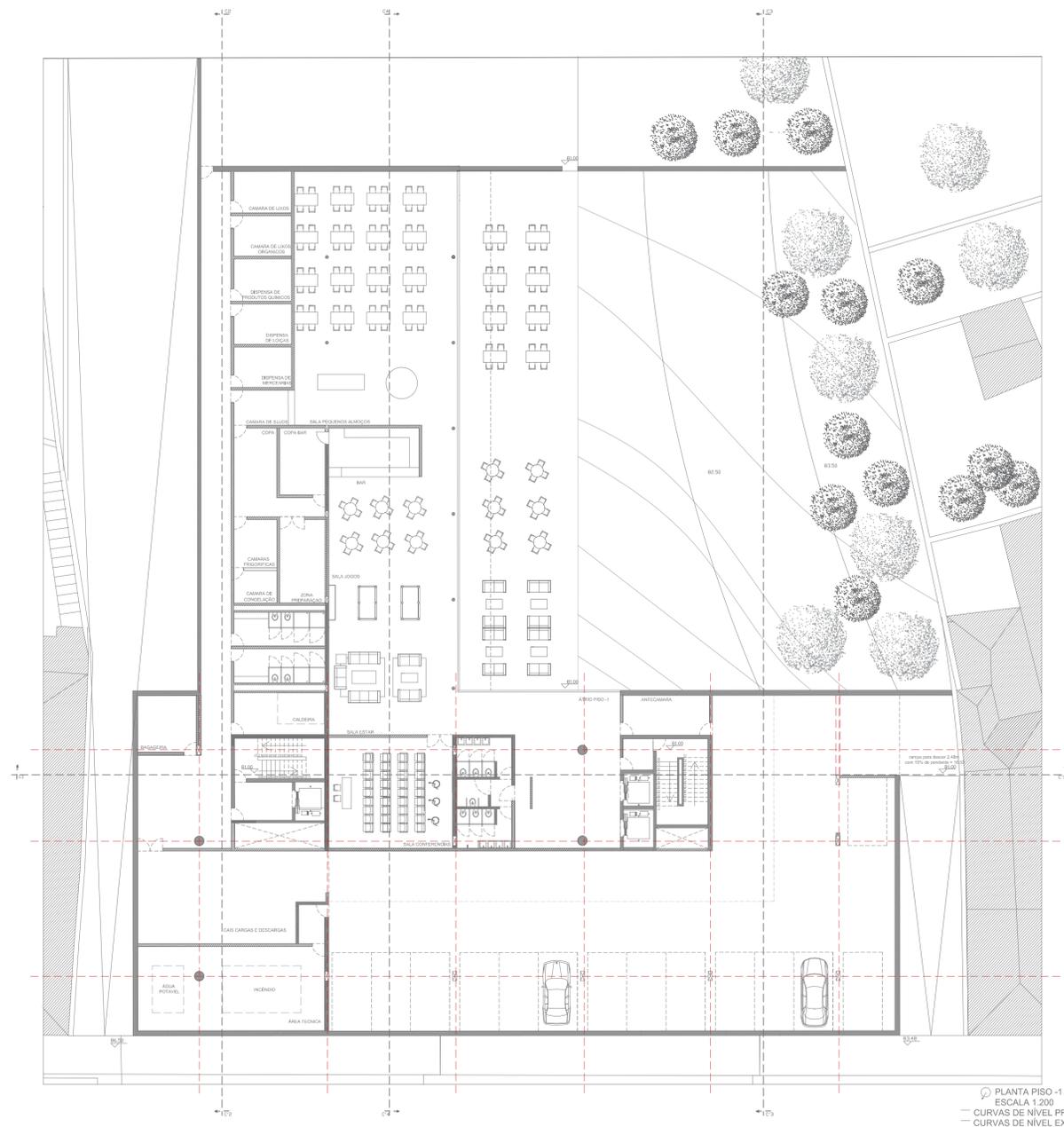
Holanda, F. (2010) Brasília – cidade moderna, cidade eterna, FAUNB, Brasília

Holanda, F. (2011) Oscar Niemeyer: de vidro e concreto, FRBH Edições, Brasília

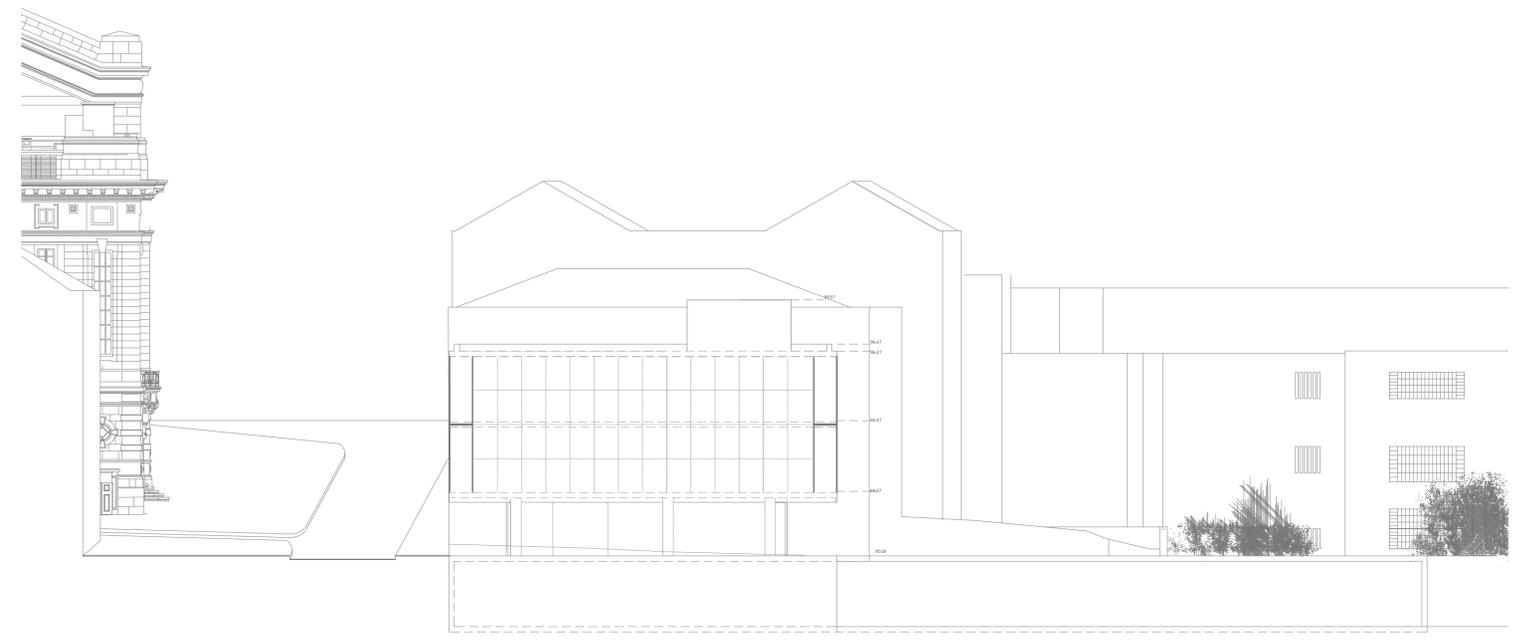
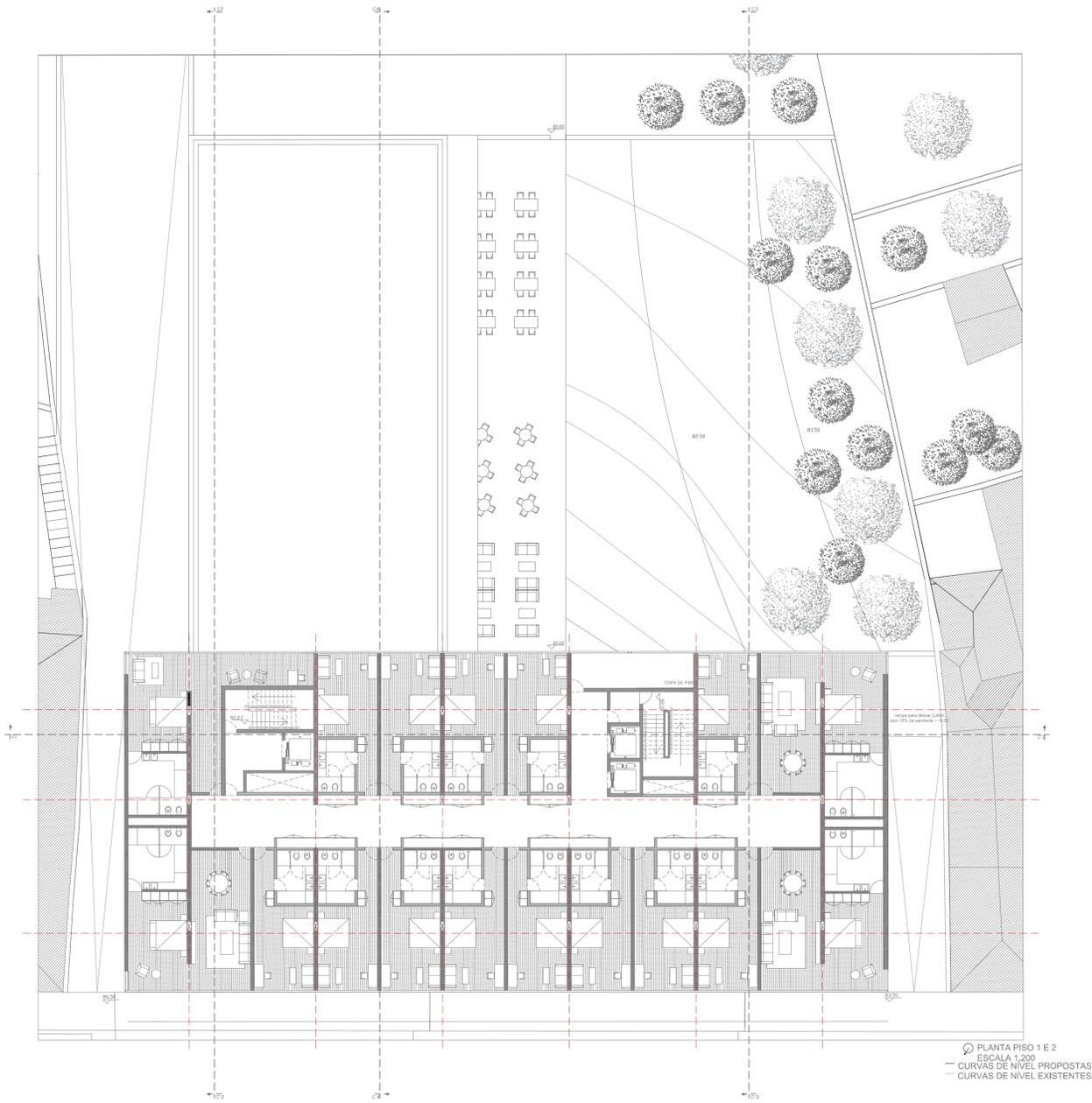
Insausti, P. e Llopis, T. (eds.) (1994) Giorgio Grassi, obras e proyectos 1962-1993, Electa, Valencia.

Panerai, P., Castex, J., Depaule, J. C., Samuels, I. (2004) Urban forms – the death and life of the urban block. Architectural Press, Londres

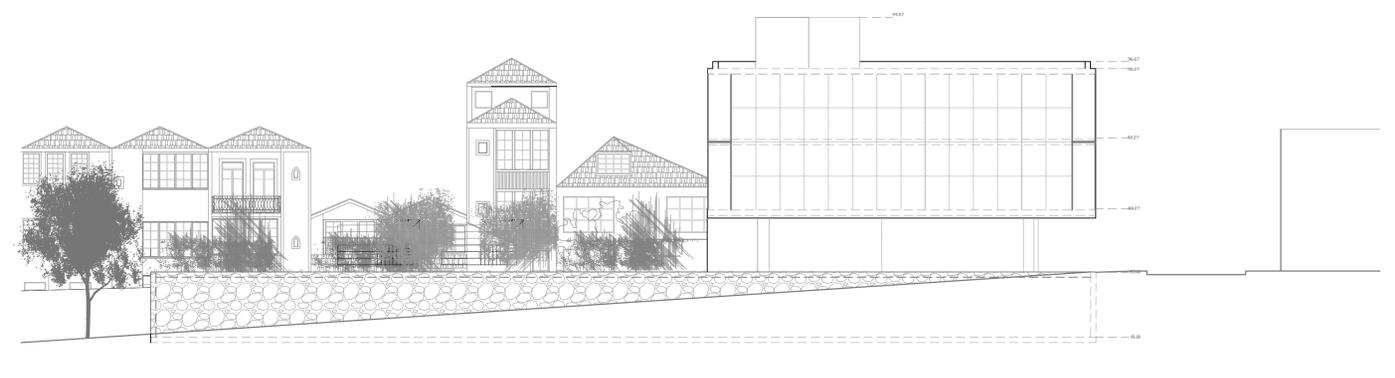
VII. Anexos



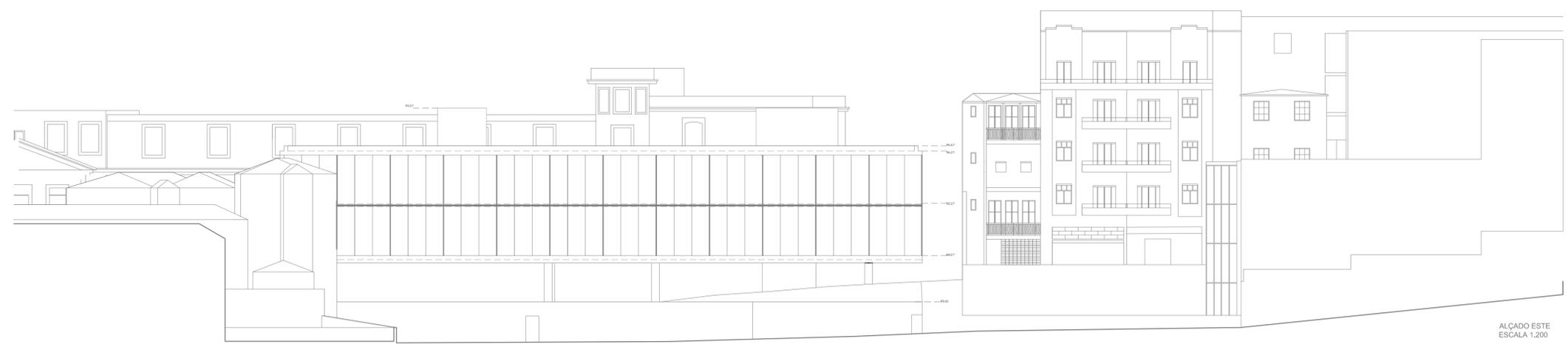
ALÇADO OESTE
 ESCALA 1.200



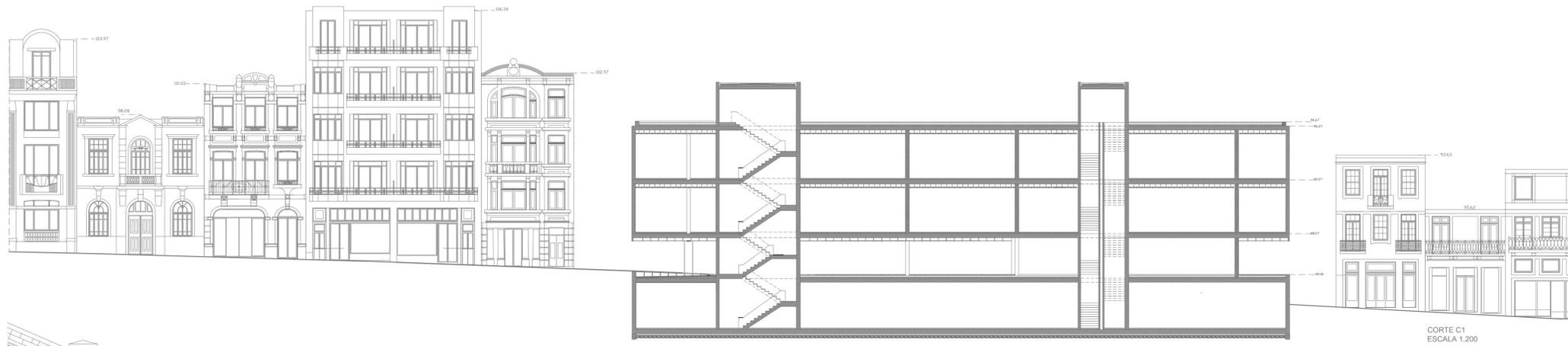
ALÇADO SUL
ESCALA 1:100



ALÇADO NORTE
ESCALA 1:200



ALÇADO ESTE
ESCALA 1:200



CORTE C1
ESCALA 1:200

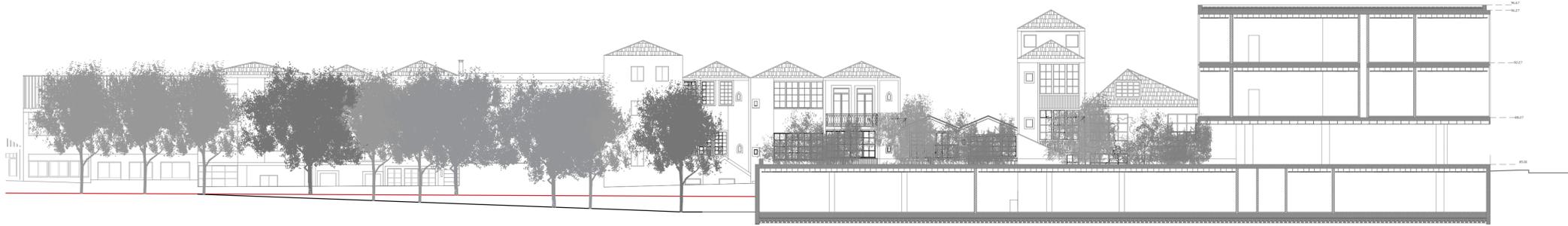


CORTE C2
ESCALA 1:200



CORTE C3
ESCALA 1:200

CARINA BAPTISTA - PROYECTO 5, 2015 - 19



CORTE C4
ESCALA 1.200



PLANTA IMPLANTAÇÃO
 PERFIL P1 E P2
 ESCALA 1.500
 — CURVAS DE NÍVEL PROPOSTAS
 — CURVAS DE NÍVEL EXISTENTES